

# PESSOAS e LUGARES

Jornal de Animação da Rede Portuguesa Leader +

Directora: Cristina Cavaco

[www.leader.pt](http://www.leader.pt)

II Série | Nº 45 - 2007

Em Destaque

## Património e desenvolvimento rural



Brúle (Terras de Bouro) / Paula Matos dos Santos



ATAHCA

**Alto Cávado**

**P 12 Um fim-de-semana nas Terras Altas do Homem, Cávado e Ave**

**P 4 e 5 Entrevista a Cláudio Torres**

**P 6 e 7 Património rural em Portugal**

**P 15 inSITU**

# Património e desenvolvimento rural

A valorização e preservação do património rural tem sido um dos aspectos centrais do programa LEADER. Sendo o património símbolo das identidades, saberes e particularidades, a sua enorme riqueza e diversidade é fonte inesgotável de possibilidades e iniciativas para o desenvolvimento local em meio rural.

O património de um território, seja natural, cultural ou histórico, é hoje reconhecido como um produto local de forte valor e, por essa razão, a



João Limão

sua protecção, que não pode restringir-se aos poderes públicos, exige o envolvimento activo da sociedade civil, proporcionando o seu uso socialmente adequado e equilibrado.

Os projectos que, neste âmbito, foram apoiados pelo programa LEADER, incluem o apoio a rotas temáticas, a recursos e parques naturais ou ainda à gestão do património cultural e têm contribuído para o fortalecimento de uma imagem de qualidade desse mesmo território. Com efeito, o reconhecimento do valor patrimonial das zonas rurais tem originado um maior dinamismo das comunidades locais onde este património se insere.

A gestão e avaliação da riqueza patrimonial de um dado território é um aspecto ao qual se deve dar atenção especial, na medida em que, a intervenção dos Grupos de Acção Local (GAL), sendo local, integrada e em parceria, exige uma acção concertada entre as diferentes entidades, em conformidade com os objectivos, necessidades e expectativas locais em torno das riquezas patrimoniais e culturais.

Assim, não esquecendo a importância da dimensão humana e social na gestão, conservação e promoção do património rural, enquanto recursos endógenos de um dado território, importa sublinhar as múltiplas possibilidades e oportunidades que o património pode ter para a diversificação de actividades e dinamização do desenvolvimento local.

Esta edição do jornal "Pessoas e Lugares", sob o tema do "Património e desenvolvimento rural", dá especial destaque ao GAL da ATAHCA - Associação de Desenvolvimento das Terras Altas do Homem, Cávado e Ave. Este tema foi sugerido por esta associação atendendo ao elevado potencial turístico e patrimonial do seu território, bem como à estratégia de desenvolvimento rural preconizada, que assenta na valorização dos recursos naturais e culturais, "reinventando um futuro para o mundo rural".

Rui Batista

Chefe de Projecto LEADER+



## Pedido de envio do Jornal Pessoas e Lugares

Nome:

Organização:

Função:

Morada:

Código postal:

Telefone:

Fax:

E-mail:

Comentários:

Recorte ou fotocopie, e envie para: DGADR, Rede Portuguesa LEADER+, Tapada da Ajuda - Edifício I - 1349-018 Lisboa

O **Pessoas e Lugares** - Jornal de Animação da Rede Portuguesa LEADER+ tem por objectivos divulgar e promover o LEADER+, assim como reforçar uma imagem positiva do mundo rural.

O **Pessoas e Lugares** tem uma periodicidade mensal e a sua distribuição é gratuita.

Se pretender receber o jornal **Pessoas e Lugares** preencha, por favor, o formulário anexo (recorte ou fotocopie) e envie para:

DGADR - Direcção-Geral de  
Agricultura e Desenvolvimento Rural  
Rede Portuguesa LEADER+  
Tapada da Ajuda - Edifício I  
1349-018 Lisboa

Telf.: 21 361 32 57  
Fax: 21 361 32 77

Ou acesse ao site da Rede Portuguesa LEADER+ [www.leader.pt](http://www.leader.pt) e preencha, por favor, *on line* o formulário disponível no link **Pessoas e Lugares**.

No caso de desejar receber mais do que um exemplar de determinado número do jornal **Pessoas e Lugares**, para distribuir num evento, por exemplo, pedimos o favor de fazer chegar essa informação à DGADR com a devida antecedência. Obrigado.

# Património rural: importância e limites de um recurso

Os espaços rurais estão vinculados a imagens e modos de vida peculiares, confundem-se com sociedades marcadas por arcaísmos, indissociáveis de economias vulneráveis, à mercê do êxodo e do despovoamento, dependentes de prestações sociais, de solidariedades e de recursos provenientes de políticas públicas que os discriminem positivamente. Este retrato, embora cada vez mais desfocado, ainda perdura na memória colectiva devido à exaustiva difusão, por diferentes meios, de mensagens que resumiam uma realidade tão complexa ao tipicismo de quotidianos deslocados no tempo, a paisagens e produtos de qualidade cuja notoriedade dependia do seu exotismo. Contribuiu-se, desta forma, para vincar o sentimento de perda e marcar negativamente a auto-estima de pessoas e territórios que, assim, se descobriam estigmatizados e ainda mais prisioneiros das suas próprias fragilidades.

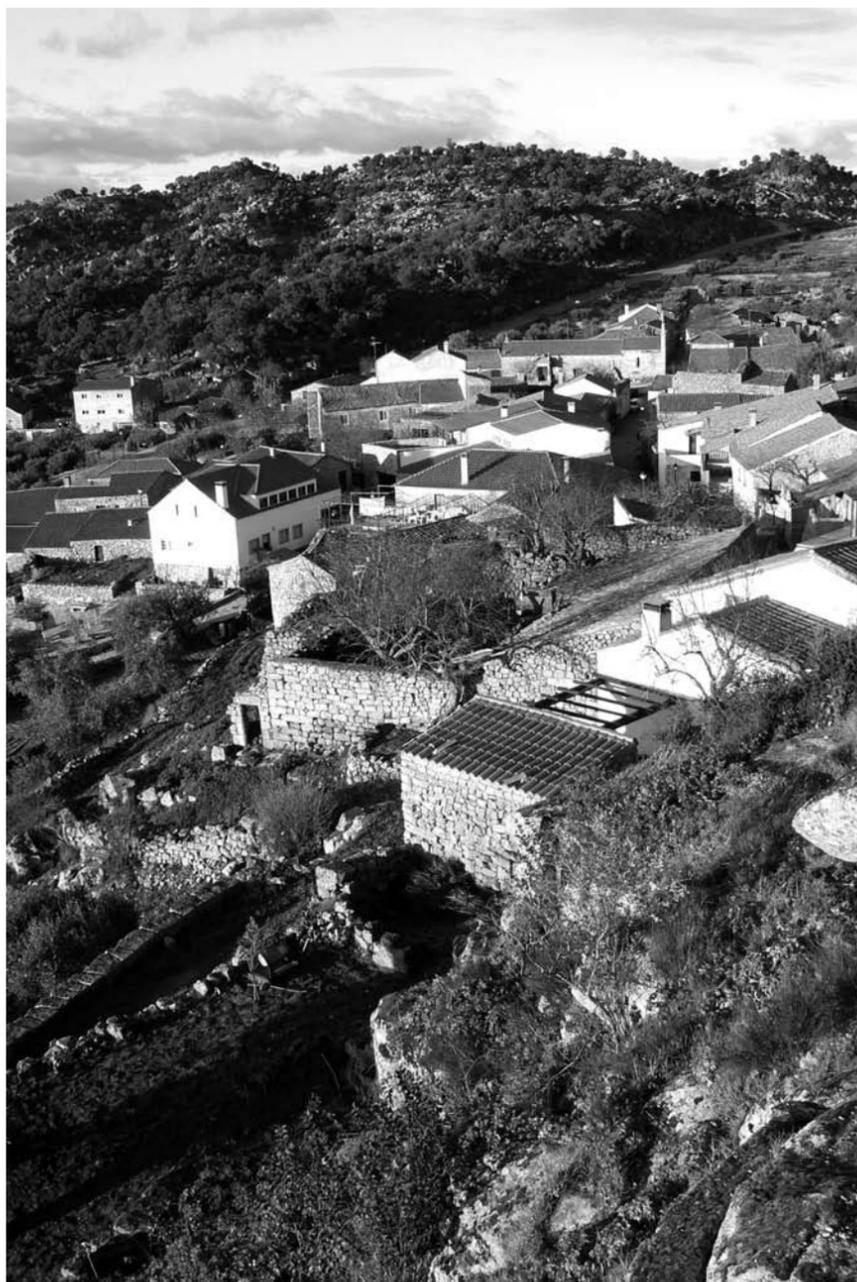
A evolução dos valores e das referências que serviam de base a tais leituras veio abalar os alicerces daquelas interpretações, lineares e estereotipadas, ajudou a evidenciar a dissonância, cada vez mais notória, entre tais descrições e o fáciis económico e social emergente. Na construção doutros modos de olhar o rural não foi indiferente tais mudanças conceptuais e analíticas, inscrevendo-se nesta tendência a valoração positiva que o património e a cultura passaram a ter quando aplicados a este universo. O rural adquire, com a visão renovada que começa a projectar, significados menos depreciativos, assume funções e papéis que o vão retirando das periferias, geográficas e mentais, para onde progressivamente foi sendo remetido.

A diversidade de contextos (naturais, económicos e sociais), de recursos disponíveis e mobilizáveis e a aparente homogeneidade normalmente associada ao mundo rural servem de pano de fundo a processos de desenvolvimento cuja tradução espacial sobrepõe novas configurações territoriais às rígidas interpretações dicotómicas do país em litoral-interior, norte-sul ou rural-urbano. Acentuando a fragmentação do nosso território, as recentes dinâmicas verificadas nos padrões de povoamento, de especialização produtiva e de ocupação e uso do solo proporcionaram um novo atlas do rural português, colocando perante novos desafios e fronteiras um espaço que se concebe submerso num arquipélago cada vez mais vasto e profundo.

Reverter o estado depressivo e enfrentar os problemas reais e simbólicos que afectam estes territórios impõe que se potenciem os respectivos recursos materiais e intangíveis. As aldeias e a arquitectura popular, as paisagens e o património natural, os produtos e os saberes locais são algumas das referências que, fazendo uma perene ligação com as telúricas raízes, moldam as identidades das pessoas e dos lugares. Pelo que representam e pelo relevante papel que podem desempenhar para vencer o isolamento e promover o seu desencravamento físico e psicológico, são activos que importa mobilizar nos respectivos processos de desenvolvimento. Contudo, sem a aposta em iniciativas e actividades complementares gerando algum emprego, tais recursos, por si só, serão sempre insuficientes para a plena dinamização económica e social destes espaços.

**Rui Jacinto**

CCDRC - Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Centro



Património / Rui Jacinto

Entrevista a Cláudio Torres

# “Qualquer intervenção é, antes de mais, política”

Logo na primeira viagem a Mértola, em 1978, à redescoberta de um país perdido, após 15 anos de exílio, Cláudio Torres viu ali um grande projecto de investigação. Licenciado em História e Teoria da Arte pela Universidade de Bucareste (1973) e História pela Universidade de Lisboa (1976), Cláudio Torres não tardou a trocar as salas da Faculdade de Letras, onde leccionou entre 1974 e 1986, pelas escavações e pelo Campo Arqueológico de Mértola – a associação especializada na investigação histórica e arqueológica, que fundou e da qual continua a ser o director. Distinguido com o Prémio Pessoa “pelo mérito da sua obra de investigação e promoção cultural no domínio da Arqueologia”, em 1991, e o título de “Doutor Honoris Causa” pela Universidade de Évora, em 2001, Cláudio Torres foi, de 1996 a 2007, presidente da Comissão Nacional Portuguesa dos Monumentos e Sítios (ICOMOS - *International Council on Monuments and Sites*) e é, desde 2006, membro do Conselho Consultivo do IPPAR - Instituto Português do Património Arquitectónico, designado entretanto IGESPAR - Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico.

**Prevalece hoje uma visão abrangente do conceito de património em que, hipoteticamente, todo o objecto é susceptível de patrimonialização. Concorda?**

O património sempre fez parte daquilo que é o património familiar. Um baú onde se guardam as riquezas da família e se passa aos filhos. Este é o velho conceito que se mantém. Nos últimos tempos, realmente, surgiu um novo conceito de património que faz parte necessariamente do património familiar mas ao qual se começou a dar mais uma conotação que lhe dá outra carga. E é esse peso, cultural, que está cada vez mais a apropriar-se do termo património, de tal forma que hoje já nem é necessário falar de património cultural, porque falar de património já é suficiente. A partir daí, podemos falar de património arquitectónico, genético, ecológico, paisagístico e de outros que se vão acrescentando ao termo inicial. Tudo se constitui num bolo cada vez mais consistente que é o património identitário. Isto é, dando um exemplo, não há duas igrejas iguais, mesmo quando são da mesma época e do mesmo arquitecto. Porque ao longo dos séculos essas igrejas vão sofrendo alterações, vão-se adaptando... Uma parte ruiu, outra foi acrescentada... E são essas diferenças que dão riqueza ao património. E há ainda, com muita importância, o conceito de património enquanto materialização do simbólico. Quando colocamos em cima de uns restos informes um enorme vestuário de histórias e lendas... O mito cresce e é apropriado pela comunidade como qualquer coisa de sagrado e simbólico que a representa.

**Até porque, actualmente, a salvaguarda do património tem quase sempre subjacente o conceito de intervenção, que não se reduz apenas à intervenção física de recuperação ou restauro de um imóvel?**

Cada vez mais ligamos a ideia de património a monumento, a uma coisa física, com estrutura. Por isso, estamos cada vez mais, do ponto de vista académico, a defender a paisagem entendida como paisagem cultural. A paisagem é, por natureza, cultural, porque já foi tocada pelo homem. Pelo menos em Portugal; na Gronelândia talvez não. Por isso, estamos a incluir na paisagem todos os seus elementos, a pequena montanha, a colina, as terras de cultivo... Não podemos separar uma casa, igreja ou um castelo da sua envolvente. Já passámos a fase do que é o monumento e o que não é. Estamos agora numa fase em que tudo é rentabilizável. E numa coisa parece que estamos todos de acordo: a forma como podemos salvaguardar o próprio monumento e a sua envolvente também depende dessa rentabilização. E o que vai rentabilizar o monumento é o consumo, o turismo, a indústria mundial mais importante neste momento. Hoje, já estamos mais ou menos conscientes que qualquer intervenção sobre o território é decisiva. Felizmente, começamos a ter umas leis que dizem que eu não posso, mesmo sendo o proprietário, construir em certos lugares, porque há interesses colectivos, maiores... Por isso temos zonas de paisagens excepcional, como as encostas do Douro. Por isso, também, se começa já, e cada vez mais, a falar de património alimentar e gastronómico.

**Pode dizer-se, então, que o património começa a adquirir visibilidade por via da necessidade?**

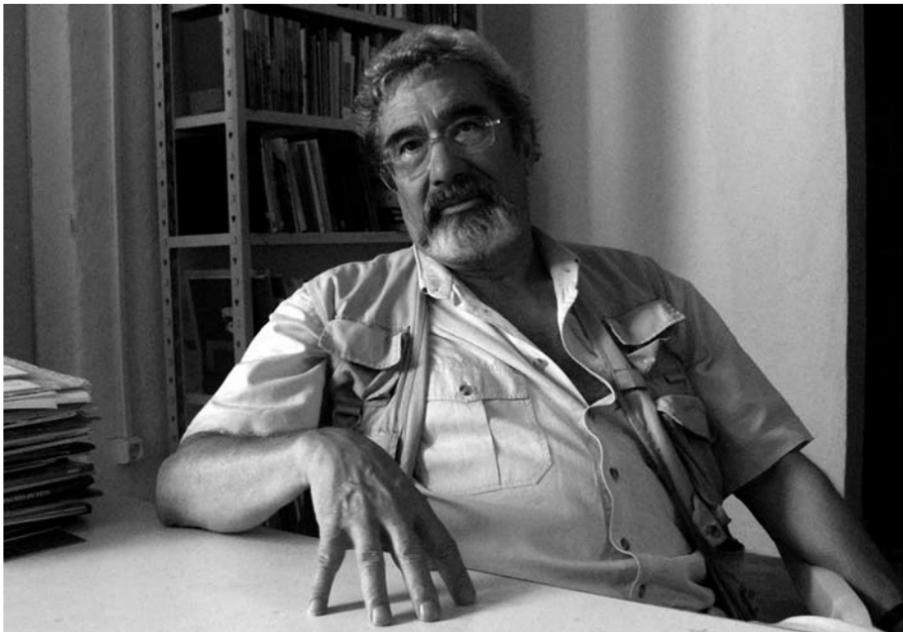
Precisamente com a quebra de um elemento importantíssimo na história do património: a participação da comunidade. Até há pouco tempo quem tratava do monumento era a comunidade porque precisava dele para a sua filosofia de vida e lógica cultural. Nos últimos 30/40 anos, a intervenção da comunidade deixou de se fazer, como é normal, ficando cada vez mais a responsabilidade no indivíduo que empurra as antigas responsabilidades colectivas para uma sociedade, uma empresa ou para o Estado.

**Identidades como as autarquias e associações passam assim a tomar esse papel que antes estava na comunidade? Foi algo inevitável?**

É o processo civilizacional que tem aspectos negativos e positivos. É pena que haja uma tendência de desresponsabilização das comunidades na manutenção do património, mais ainda se o monumento passa do âmbito local ao regional ou nacional. No entanto, esta responsabilidade ainda se mantém de certa maneira nalgumas aldeias, por exemplo, na manutenção da igreja, revelando a força dessa comunidade.

**Uma maior consciencialização do património enquanto recurso para o desenvolvimento implica novas formas de gestão desses valores, onde a articulação entre diferentes actores assume cada vez maior importância.**

Estamos a lidar com todo o passado... Hoje, o que chamamos de património cultural e património identitário é o património de séculos de história, da igreja à simples casa de habitação algures na Beira Alta ou no Minho. Hoje se você quer substituir a escada de granito com degraus altíssimos por uma em cimento, mais cómoda, não lhe deixam, e muito bem, achamos, porque estamos a falar de um património fundamental: o vernacular. Mas, e aí parece que estamos todos de acordo, tem de haver um compromisso. Vamos aprendendo ao longo dos anos, que qualquer intervenção, e tem de haver intervenção até para evitar a destruição, tem sempre de ser reversível. Isto é, quando intervimos, seja numa igreja ou num castelo, temos de admitir que mais tarde aquilo que fizemos possa ser refeito. Do ponto de vista arquitectónico isto é decisivo. Felizmente, começa-se a fazer qualquer coisa. Aqui, em Mértola, por exemplo, todas as portas e janelas da vila velha foram fotografadas. A partir daí há problemas, porque não podemos obrigar uma pessoa a substituir a velha porta de madeira por uma nova, ou pagamo-lha ou ela põe a porta mais barata que há no mercado, mas estamos agora numa fase de cumplicidade com a câmara: a velha porta pode ser substituída por uma nova (qualquer uma) e quando houver dinheiro, uma outra, igual à da fotografia, paga por ela ou ao abrigo de algum projecto, tomará o seu lugar.



Paula Matos dos Santos

**“Já passámos a fase do que é o monumento e o que não é. Estamos agora numa fase em que tudo é rentabilizável.”**

**Parece que apenas o turismo é susceptível de trazer novo destino às velhas construções? O que não deixa de ser sintomático e redutor.**

O turismo é cada vez mais visto como a panaceia de todos os males, mas temos de fazer uma análise sociológica muito mais complexa para perceber isto: 99 por cento da produção alimentar do interior é para fornecimento do Litoral. Temos de perceber que o turismo não é só o turismo de sol e praia, com as suas vantagens e inconvenientes, mas que não tem nada a ver com o turismo do interior, o chamado turismo rural, porque aí funciona uma outra coisa: as actividades que as pessoas sabem fazer. Por isso nós aqui nos opoemos aos hotéis das grandes cadeias nacionais ou internacionais que não trazem nada ao local. Mas, pelo contrário, se o investimento é feito no chamado turismo de habitação, em que são os proprietários que recebem o turista na sua casa, vai criar-se uma outra dinâmica. Não se trata de uma simples venda mas o receber um hóspede que habitualmente deixa ficar mais do que dinheiro porque geralmente é uma pessoa interessante, ou pelo menos é mais interessante que aquela que vai para o turismo de sol e praia. Essas pessoas querem, por exemplo, uma verdadeira açorda. São questões como esta, pequeninas, que sofrem um câmbio brutal de qualidade. E é isto que começa a ser aprendido em vários sítios. Por isso andamos também agora numa certa luta patrimonial, e temos feito alguns encontros interessantes na serra algarvia sobre culinária, coisas fantásticas que só aquelas mulheres sabem fazer e sempre fizeram mas que estava depreciadas.

**Felizmente, certas entidades, como as associações de desenvolvimento local, pegaram nesta questão...**

Principalmente essas associações. Como se sabe, após o 25 de Abril houve uma explosão delas, umas melhores que outras, mas o seu papel foi muito importante, porque se deu uma espécie de movimento de libertação, de certa forma também alimentado pelo municipalismo. Tudo isso facilitou a identificação de elementos identitários, do querer ser diferente, porque toda a gente queria ter o seu “castelo”. Fizeram-se barbaridades, um bocadinho aqui e ali, porque quem decidia era a comunidade pelos seus representantes que habitualmente não tinham qualquer tipo de preparação. Foi o preço da festa da descentralização cuja grande vantagem foi chamar a atenção para aquela coisa que estava ali.

**A existência, a partir de certo momento, de apoios financeiros que embora não sendo directamente dirigidos para a recuperação do património, como o programa LEADER, marcou uma nova fase?**

Há de tudo; coisas péssimas e coisas belíssimas. Do meu ponto de vista, esses fundos tiveram a sua função inicialmente, era fácil e talvez mesmo inevitável. Qualquer comunidade via imediatamente ali o seu castelo, a sua igreja e fazia a aplicação directa. Daí, talvez mais de 80 por cento das verbas tivessem ido para o chamado património construído. Agora isso não foi bom porque, do meu ponto de vista, essas verbas deveriam ter sido dirigidas para a parte agrícola, que é a mais decisiva e que um dia vamos chorar o que já perdemos. Houve uma fase que talvez fosse difícil ser de outra forma, admito perfeitamente, mas talvez a partir de agora se deva tratar da terra. A terra que nos dá de comer e que faz parte de saberes fantásticos que podem no futuro, do meu ponto de vista, requalificar a economia do interior. A grande qualidade do interior rural vai passar com certeza por uma requalificação agrícola, por uma revalorização do património alimentar. Não vai ser só mas também o monumento, o castelo, a ruína...

**Poucos são os recursos patrimoniais que por si mesmos são capazes de atrair um elevado número de visitantes?**

Não é suficiente... Imagine uma pousada de luxo no interior... Se na hora das refeições tem para oferecer o mesmo que qualquer restaurante de Lisboa dura um dia ou dois e acaba tristemente... Não há gente, as pessoas já se foram embora. A paisagem é uma paisagem habitada, tem gente dentro, isto é fundamental. Óbidos, por exemplo, uma estrutura urbana das mais belas que temos no país da época medieval está muito bem mas não tem gente. A população dali está fora, vive no Óbidos novo, nos apartamentos. Aquela jóia arquitectónica foi esvaziada e portanto é artificial... Foi o mais difícil que tivemos aqui em Mértola, segurar as pessoas dentro da vila velha. A questão é esta: do meu ponto de vista, qualquer intervenção de defesa do património é, antes de tudo, uma intervenção política. Porque é para se decidir o que se quer fazer. Se não se quer impor, porque é violento, tem de se fazer muito mais para que a população se sinta bem onde está, o que implica, na maioria das vezes, investimentos incomparavelmente maiores. É por isso que a intervenção no património é tão complicada, pensando-se muitas vezes que vale mais ficar quieto. Tem de haver uma modernidade efectiva assumida e inteligente.

**Assim, quem define onde e como intervir, já que a comunidade está cada vez mais afastada do processo de decisão? Ou, em última instância, a quem pertence o património?**

É complicado... São fenómenos de ideologia feitos principalmente na escola onde, muitas vezes, a criança é ensinada a odiar a aldeia. É o saber que não é o saber escolar. Isso passa logo por uma modificação estrutural da escola. Agora tenta-se, começa-se a falar, abrir a escola à comunidade mas os programas são perfeitamente citadinos, nada têm nada a ver com a realidade onde as escolas estão inseridas. Nós aqui, em Mértola, fomos “obrigados”, porque já estamos aqui há 30 anos, a intervir. Criámos, há dois anos, uma escola profissional que funciona há já 15 anos, onde os jovens entram com o 9º ano, escolhem um dos três cursos (Arqueologia; Técnicas tradicionais de construção; Turismo cultural) e, no final, saem com o 12º ano e técnicos em qualquer coisa. Ao princípio foi difícil mas pouco e pouco começou a haver uma mudança, mais ainda quando começaram a ter trabalho. Praticamente 80 por cento destes jovens fica empregado. Não é o ideal, nunca é nem nunca será, mas de qualquer forma são pequenos passos.

**Foi assim, com pequenos passos, que Mértola saiu do anonimato?**

Nós estamos aqui há 30 anos e portanto fomos aprendendo. Criámos uma associação [Campo Arqueológico de Mértola], logo um ou dois anos depois de cá chegarmos e hoje temos oito núcleos museológicos que têm a sua própria vida e 15 a 20 mil visitantes por ano, o que é uma carga razoável para uma vila com 1500 habitantes. Começámos com a escola profissional e agora demos o salto para o ensino superior. Precisamos de técnicos super especializados e portanto temos de os formar. Primeiro, começámos por captar gente de fora para ter uma máquina suficientemente oleada, que está aqui a trabalhar nos seus mestrados ou doutoramentos, e neste momento já temos a funcionar um mestrado em desenvolvimento local que é uma mistura de economia com turismo para provar que cultura pode criar desenvolvimento. Para o ano, arranca um mestrado em desenvolvimento regional e, em simultâneo, um doutoramento em civilização islâmica, em parceria com as universidades de Évora e do Algarve e ainda com uma universidade da Tunísia e outra de Marrocos. Até hoje, vivemos só de projectos de investigação da Fundação para a Ciência e a Tecnologia [Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior], mas agora temos esta rede formativa que nos vai dar autonomia financeira e permitir aguentar o impacto do futuro próximo.

Entrevista de Paula Matos dos Santos

# Património rural em Portugal

**Incidindo no património construído em risco, a investigação desenvolvida no âmbito do projecto “Património Rural em Portugal: um contributo para o desenvolvimento sustentado do interior português”, apresenta uma proposta de avaliação de qualidade arquitectónica urbana e ambiental para a aldeia histórica de Castelo Mendo e o centro histórico da vila do Sabugal – os dois exemplos de estudo seleccionados. O objectivo é ajudar e complementar o processo de decisão entre preservar ou substituir edifícios, conjuntos de edifícios, espaços urbanos e ambientais e que destino ou modo de intervenção mais indicados nestes lugares.**

O projecto “Património Rural em Portugal: um contributo para o desenvolvimento sustentado do interior português”, com início em 2001, pretende estabelecer uma reflexão operativa sobre a problemática da preservação do património rural em zonas votadas ao abandono. Através da investigação, promoveu-se o contacto entre a Universidade e as comunidades locais, nomeadamente as autarquias e as populações envolvidas, procurando-se contribuir para a conservação do património rural e para gestão de actividades de interesse nacional, integrando-se num âmbito mais alargado de promoção do desenvolvimento local.

O projecto foi objecto de análise no âmbito da complementaridade entre a investigação científica integrada nos Departamentos da Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa (FA-UTL) e a actividade pedagógica desenvolvida nos 4º e 5º anos e estágios académicos das Licenciaturas de Arquitectura, de Arquitectura da Gestão Urbanística, de Arquitectura do Planeamento Urbano e Territorial e de Arquitectura de Interiores. Permitiu estudar uma realidade diferente daquela a que os alunos habitualmente têm acesso: o contacto com o mundo rural e o abandono do património, realidade oposta às áreas onde geralmente habitam e estudam. Estabeleceu-se colaboração cultural didáctica formativa, numa fase inicial mais dirigida aos alunos das licenciaturas e estágio, com Câmaras e Gabinetes Técnicos de Almeida, Guarda e Sabugal, Junta de Freguesia de Castelo Mendo, Universidade da Beira Interior, Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, e cooperação com algumas entidades estrangeiras como é o caso da California Polytechnic and State University em Pomona, Califórnia, com investigadores na área da antropologia, entre outros. O projecto foi financiado pela FA-UTL, encontrando-se ainda em desenvolvimento.

## **Castelo Mendo e Sabugal: exemplos de estudo**

A investigação incidiu no património construído em “risco”, prevendo a preservação e dinamização de núcleos rurais caracterizados por fraca acessibilidade, despovoamento e abandono de elementos patrimoniais. Seleccionaram-se dois exemplos de estudo na região da Beira Interior: Castelo Mendo e Sabugal. Os exemplos seleccionados foram objecto de análise histórica, arquitectónica, urbana e territorial, técnico construtiva, social e económica. Castelo Mendo encontra-se abrangido pelo Programa das Aldeias Históricas (da responsabilidade da CCDRC - Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Centro), permitindo avaliar o processo de reabilitação em curso e oportunidade de aplicação noutros casos. A partir do caso do Sabugal esperou-se encontrar uma metodologia de intervenção específica para núcleos rurais em processo de abandono e desenvolver estratégias para a reabilitação do património rural.

A pesquisa pretende ainda encontrar um terceiro núcleo em “risco” com um número muito reduzido de habitantes. Para tal foram analisadas algumas freguesias dos concelhos de Almeida, Guarda e Sabugal, tendo em conta o número de habitantes, a sua localização (próxima da fronteira) e, ainda, a proximidade ou distância às vias de principal acesso.

A região Centro representa 25% da superfície de Portugal, apresentando uma posição estratégica nas ligações entre o norte e o sul do território do Continente e no acesso à Europa. Trata-se de uma região com fortes desequilíbrios de povoamento, onde à sua densidade média de 72 hab./km<sup>2</sup> correspondem densidades inferiores a 40 hab./km<sup>2</sup> na maior parte dos concelhos do interior. A região apresenta um elevado índice de envelhecimento (28% superior ao nacional) e uma estrutura económica com grande peso de uma agricultura pobre (produtividade na agricultura de apenas 2/3 da média nacional), forte incidência das situações de pobreza, concentrando-se na região Centro 26,9% dos 10% dos agregados familiares mais pobres do país, baixos níveis de qualificação da população, com uma taxa de analfabetismo elevada (14,5% na região e 10,4% no país), taxas de escolaridade no ensino básico e secundário relativamente baixas e elevado abandono final do ensino obrigatório. Os concelhos onde se integram os núcleos estudados sofreram um decréscimo elevado da população residente entre 1960 e 2001: Almeida e Sabugal de forma mais visível (-45,81% e -59,12%, respectivamente) e o concelho da Guarda -7,49%. As freguesias de Vilar Formoso, Vale da Coelha, Vale da Mula (todas no concelho de Almeida) e Aldeia da Ribeira (Sabugal) são as que apresentam uma variação mais acentuada na ordem dos 90,26%, 89%, 76,87% e 83,12%, respectivamente.

Tendo em consideração os excelentes resultados imediatos do Programa de Recuperação das Aldeias Históricas (1 de Janeiro de 1994 e 31 de Dezembro de 1999), do qual Castelo Mendo foi objecto de intervenção infra-estrutural (recuperação de fachadas e de telhados das habitações, arranjos urbanísticos, melhoria das acessibilidades bem como beneficiação de monumentos), e assumindo-o como primeira medida fundamental para a divulgação e salvaguarda do nosso património rural, muito permanece ainda por concretizar nomeadamente no que respeita às condições de conforto, higiene e salubridade no interior das habitações. Uma intervenção que melhorasse as condições de habitabilidade, aliada a iniciativas que promovessem a exploração das actividades produtivas tradicionais, poderia constituir um avanço na direcção da revitalização do tecido económico, produzindo condições para a criação de circuitos turísticos de qualidade, projectos que poderiam revelar-se eficazes no combate ao estigma da interioridade e ao despovoamento. Castelo Mendo é actualmente uma aldeia em perigo, onde não existe retorno de população mas com enorme potencial para o desenvolvimento do turismo rural.

A vila do Sabugal, lugar tipicamente medieval, com um núcleo antigo circunscrito por um anel de muralhas e coroada por um castelo e imponente torre de menagem de cinco quinas apresenta-se como um conjunto de elevado interesse patrimonial, quer pelo castelo e sua situação face à paisagem, quer sobretudo pela relação, ainda intacta, entre o castelo, o perímetro muralhado e as construções intra-muralhas, a maior parte das quais são ainda originais, apesar das sucessivas descaracterizações a que este núcleo tem vindo a ser sujeito. O Plano de Salvaguarda e Valorização da Vila e Centro Histórico do Sabugal tem como objectivo principal a criação de condições de vivência e usufruto desta área com a melhoria, valorização e correcta gestão de todos os elementos que compõem o centro histórico, de modo a transformá-lo num pólo dinâmico da estrutura urbana e sócio económica da vila e do concelho. Esta vila permitiu ainda estudar o “novo património rural”, produto da emigração e marca de um momento significativo para o desenvolvimento deste e de tantos outros núcleos. Cabe ainda reflectir sobre este património e estabelecer critérios de salvaguarda de acordo com as recomendações internacionais.

A investigação apresenta uma proposta de avaliação de qualidade arquitectónica e urbana e ambiental, com incidência na aldeia histórica de Castelo Mendo e no centro histórico do Sabugal. O processo consiste em identificar os valores intrínsecos que a área em causa apresenta e classificá-los de forma a permitir uma escolha informal sobre os métodos de conservação a aplicar. Esta avaliação tem, então, como objectivo ajudar e complementar o processo de decisão entre preservar ou substituir edifícios, conjuntos de edifícios, espaços urbanos e ambientais e que destino ou modo de intervenção mais indicados nestas aldeias e vilas. Através da metodologia apresentada foi-nos possível estruturar propostas de actuação para os estudos de casos seleccionados na zona da Beira Interior. A metodologia de intervenção em zonas históricas a preservar constitui um dos objectivos da investigação proposta pelo projecto de investigação, pelo que consideramos que os resultados propostos inicialmente foram atingidos. A necessidade de continuar a aprofundar as matérias aqui estudadas é clara, e é nosso intuito continuar a esta tarefa.

**Margarida Moreira**

Professora Associada, Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa

**Catarina Camarinhas**

Assistente, Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa



Núcleo histórico do Sabugal: Foto 1- FA/UTL, 4º ano APUT, ano lectivo 2001/2002; Foto 2 - AMARAL, Francisco Keil do; LOBO, José Huertas; MALATO, João José; Arquitectura Popular em Portugal; Associação dos Arquitectos Portugueses (ed.); 2ª edição, Lisboa, 1980

## Património esquecido

# O legado de gerações na construção da paisagem

Que definição devemos atribuir ao termo Património. É, sem dúvida, um legado de gerações, uma herança individual ou colectiva que tanto pode ser entendida como um legado específico constituído por um conjunto de bens que nos foi entregue pelos nossos antepassados, como a entregue aos nossos vindouros. Este sentido de transmissão e ligação entre gerações é o denominador comum para a responsabilidade de todos nós na salvaguarda e protecção do património. Falar de Património é também falar de reconhecimento público que faz parte de uma identidade colectiva e que por assim ser deve ser valorizado e defendido merecedor do reconhecimento da comunidade e das instituições.

O património construído é, sem dúvida, o legado mais visível nos nossos territórios que se depara hoje com novos desafios resultantes sobretudo de conceitos e de escalas de actuação. Os conceitos e as novas escalas de actuação remetem para a própria paisagem, ou seja para o território enquanto património cultural. Deixou de fazer sentido falar de edifícios isolados mas sim em áreas envolventes, alargando o leque a conjuntos e sítios que incluem os centros históricos e paisagens culturais como lugares e elementos de interesse de cariz tradicional como exemplos concretos um muro uma eira ou uma simples fonte. Esta mudança de escala do objecto patrimonial é, no meu entender, fundamental para o entendimento de acções concertadas territoriais onde as associações de desenvolvimento local devem ter uma palavra a dizer.

A necessidade de defender o património legado por gerações dos pequenos aglomerados rurais de construções despojadas e frágeis de cariz simplista mas extremamente eficaz no que se refere a singularidade, originalidade e genuinidade, como na forma criativa de gerar formas e volumes definindo espaços únicos traz-me sempre à memória a arquitectura feita pelos não arquitectos (Arquitectura Vernácula). É um caminho que deve ser dado na salvaguarda e defesa de mão dada com o património paisagístico.



Existe um reconhecimento crescente pela conservação e protecção deste Património (Arquitectura Vernácula) como parte do património cultural que tem crescido nos últimos anos. Mas não podemos proteger sem entender quais são as qualidades que fazem destas construções, despojadas e frágeis, parte do património cultural.

Este legado, é um incontornável contributo para a reconstrução dos nossos territórios enquanto recurso estratégico de desenvolvimento local. Deve ser prioritário na acção e actuação dos Grupos de Acção Local (GAL) do programa LEADER não só enquanto actores de desenvolvimento local como também na sua transversalidade de actuação para as comunidades rurais do ponto de vista sociocultural, na preservação da memória colectiva na afirmação dos territórios, no delineamento de estratégias regionais e territoriais, na fixação de populações, na produção de riqueza (desde turismo e construção civil), devendo não só por isso mas também encarada como um das áreas com maior potencial de investimento estratégico do nosso país.

Seis fundamentos para o contributo LEADER no seu território:

- **Identificar** o legado do património rural existente neste vasto território nacional procurando sensibilizar sobre estes valores patrimoniais uma memória do nosso tempo em risco;
- **Alertar** para os perigos da destruição rural, à sombra de práticas e de políticas arbitrarias dos diferentes organismos locais e nacionais;
- **Divulgar** a arquitectura feita por não arquitectos reconhecendo nela como parte de um património cultural que se exige em conservar e proteger num passado de memórias despojadas e frágeis em risco;
- **Assumir** o trabalho desenvolvido no terreno perante uma indiferença generalizada das pessoas, e a preocupante escalada de interesses adversos e cúmplices de uns e de outros, sob pena de todos nós, “destruirmos a nossa memória viva”;
- **Contribuir** para a cultura patrimonial, promovendo o reconhecimento público de intervenções que constituam peças significativas no enriquecimento do nosso património arquitectónico em risco;
- **Estimular** a intervenção crítica com Arquitectos, Arqueólogos, Historiadores, Paisagistas (mas não só com eles) de um passado que procura hoje uma identidade de um território, constituído de memórias diversas, sustentados numa paisagem que se encontra em risco.

Por tudo isso, entendo que é um desafio enquanto actores do mundo rural, seremos ou não dignos da herança patrimonial que nos foi legada. Aquela que em todos os momentos está em construção como factos culturais fundamentais para a nossa vivência contemporânea e como uma mais-valia para a qualidade de vida das nossas comunidades.

**Rui Serrano**  
Arquitecto



# Alto Cávado

**Homem, Cávado e Ave. Três bacias hidrográficas que atravessam diagonalmente um território marcado pela água e orografia inconstante. O Parque Nacional da Peneda-Gerês é o baluarte do ambiente num território onde também abunda o património cultural, histórico e arquitectónico.**

Amares, Póvoa de Lanhoso, Terras de Bouro e Vila Verde. Quatro concelhos que constituem o território “Alto Cávado”, Zona de Intervenção (ZI) da ATAHCA - Associação de Desenvolvimento das Terras Altas do Homem, Cávado e Ave. Um total de 128 freguesias integradas no distrito de Braga, ao longo de uma extensão de 717,3 km<sup>2</sup>, assimetricamente repartidos pelas NUT III Cávado (Amares, Terras de Bouro e Vila Verde) e Ave (Póvoa de Lanhoso).

O território encontra-se delimitado a norte pelo concelho de Ponte de Barca, a nordeste e este pela Espanha (Galiza), a sudeste pelos concelhos de Vieira do Minho e Fafe, a sul por Guimarães e Braga, a sudoeste e oeste por Barcelos, e a nordeste pelo concelho de Ponte de Lima.

Ao nível orográfico está segmentado em três sub-zonas distintas: várzea, meia-encosta e montanha, cujos pontos mais importantes, em termos de altitude, são as serras Amarela (1216m) e Gerês (1507m). O território é ainda atravessado por diversos e importantes cursos de água, como os rios Homem, Cávado e Ave, além de um conjunto de outros pequenos rios. Apresenta uma constituição geológica de origem granítica, beneficiando de clima marcadamente atlântico, fruto da proximidade litoral, que origina um regime pluvioso e inconstante ao longo do ano (1800-2800 ml/m<sup>2</sup>), com humidade relativa considerável e temperaturas médias amenas.

No capítulo das acessibilidades, encontra-se razoavelmente favorecido. Servido a nível interno por várias estradas nacionais, o “Alto Cávado” beneficia da proximidade à A3, que se situa a 2 km do limite do território, e também da estação de caminho de ferro, da qual dista 12 km. O aeroporto e porto de mar localizam-se a 60 km, na cidade do Porto.

Em termos demográficos, os 96.078 habitantes que os Censos de 2001 assinalam para o território representam um crescimento de cinco por cento

em relação a 1991 (91.693 habitantes). Valores de crescimento populacional que, mesmo assim, são inferiores aos apresentados pelas NUT da região: Cávado (10%) e Ave (8%). No capítulo das variações populacionais regista-se uma forte assimetria entre os quatro concelhos. Amares é o principal propulsor do crescimento do território (10,8%). Póvoa de Lanhoso (5,8%) e Vila Verde (5,7%) seguem a mesma tendência. No sentido contrário, o concelho de Terras do Bouro regista uma descida de 11,2 por cento. Na última década, 43 por cento das 128 freguesias do território perderam população. Destas, 31 (24%) perderam mais de 10 por cento dos seus efectivos. Freguesias que correspondem maioritariamente a zonas mais montanhosas, com população idosa e onde predomina a actividade agrícola. No sentido inverso, e segundo dados do Instituto Nacional de Estatística (INE), apenas sete núcleos populacionais (freguesias) excedem os 2000 residentes. Em 1997, o território apresentava uma densidade populacional de 134 habitantes por km<sup>2</sup>, o que corresponde a uma variação de 4 por cento em relação a 1991.

Em termos de classes de idades, a ZI da ATAHCA regista um índice de envelhecimento de 66 por cento. Mais uma vez, Terras de Bouro é o concelho mais atingido, registando 103 por cento neste índice. No pólo oposto, Vila Verde é o concelho menos atingido (51%).

No capítulo da educação, de acordo com os Censos de 2001, os quatro concelhos da ZI apresentam uma taxa de analfabetismo com valores superiores aos 7,7 por cento da NUT “Ave” e os 7,6 por cento do “Cávado”. O concelho mais atingido por este fenómeno é Terras de Bouro, com 15,6 por cento. Seguem-se Vila Verde (11,9%), Póvoa de Lanhoso (11,7%) e Amares (10,8%). O índice de prevalência do ensino primário, que apresenta valores na ordem dos 58 por cento, é também revelador dos baixos níveis de instrução na ZI.

Ao nível das actividades económicas, a percentagem de população activa no território é de 36 por cento. Valor consideravelmente abaixo das NUT III “Cávado” (44%) e “Ave” (48%), ou mesmo da região Norte (43%). Segundo dados de 1991, o sector primário emprega 21 por cento da população empregada da ZI. Valor muito acima dos 10 por cento registados no “Cávado” ou dos quatro por cento encontrados no “Ave”. Apesar dos valores elevados, a percentagem de população empregada na agricultura registou uma acentuada descida de 41 por cento entre 1981 e 1991.

Também o número de produtores agrícolas do Alto Cávado desceu 38 por cento entre 1989-99, confirmando a perda de importância económica desta actividade na região. Ao mesmo tempo, a análise dos produtores agrícolas de acordo com os escalões etários confirma que o escalão dominante é o dos produtores com 65 ou mais anos (33%) e o menor o dos agricultores mais jovens (<25 anos) com 0,3 por cento.

As actividades agrícolas com maior importância na economia local são a vinha (vinho verde), a horta familiar, os prados temporários e culturas forrageiras, os cereais para grão (especialmente o milho), as leguminosas secas para grão e, por último, a batata (significativa em número de explorações mas com pouco impacto em área de cultivo). Bovinos de raça barrosã, caprinos e ovinos, são explorados em regime livre de pastoreio, principalmente a norte dos concelhos de Vila Verde e Terras de Bouro. Outras actividades zootécnicas em regime intensivo, como as aves, suínos e coelhos (no concelho de Amares) e de aves (Póvoa de Lanhoso) também detêm importância económica.

**Património com elevado potencial turístico**

O sector secundário, actualmente o mais representativo, corresponde a 46 por cento do emprego, com actividades como a indústria de componentes para automóveis, extractiva de pedra para construção e têxtil, a serem predominantes. Por fim, o sector terciário representa 33 por cento da população empregada. Sobressai o concelho de Terras de Bouro (44%), onde este sector supera o industrial, em termos de absorção de mão-de-obra. Dados de 1998 indicam que o número de empresas com sede na região se situam maioritariamente no sector terciário, com 5230 empresas, equivalentes a 77 por cento do número total. Ao nível da indústria, a ZI revela valores um pouco abaixo das referências, correspondendo apenas a 14 por cento das empresas. Neste caso, Terras de Bouro é o concelho mais atípico, verificando-se apenas sete por cento. Por fim, os oito por cento de empresas ligadas à agricultura e pesca (referentes a 584 unidades) encontram-se ainda assim um pouco acima dos valores de referência da região.

Como acontece em muitos outros territórios rurais portugueses, o sector do turismo apresenta um elevado potencial económico, assente nas particularidades e riqueza de património ambiental, cultural e histórico. O Parque Nacional da Peneda-Gerês, classificado em 1971 pela União Internacional para a Conservação da Natureza, ocupa 20 por cento da área do "Alto Cávado", e corresponde a um dos principais atributos ambientais do território. Terreno de eleição para se encontrar fauna diversificada, onde pontifica o cavalo garrano, javali, lobo, raposa, fuinha, toirão, gineta, texugo, lontra, entre as aves, a águia real, águia calçada, águia de asa-redonda, açor, milhafre ou bufo real, ou ainda a víbora negra, cobra d'água ou lagarto d'água. No âmbito da flora, destacam-se o carvalho comum, sobreiro, medronheiro, azevinheiro, vidoeiro, teixo, lírio do Gerês ou feto do Gerês.

No domínio do património arqueológico e histórico edificado salienta-se a antiga estrada romana que ligava *Bracara Augusta* a *Asturica Astorga*

Zona de Intervenção LEADER+



(Geira), bem como o Mosteiro de Santo André, Convento de Santa Maria do Bouro, Ermida de Nossa Senhora de Abadia, Capela de Nossa

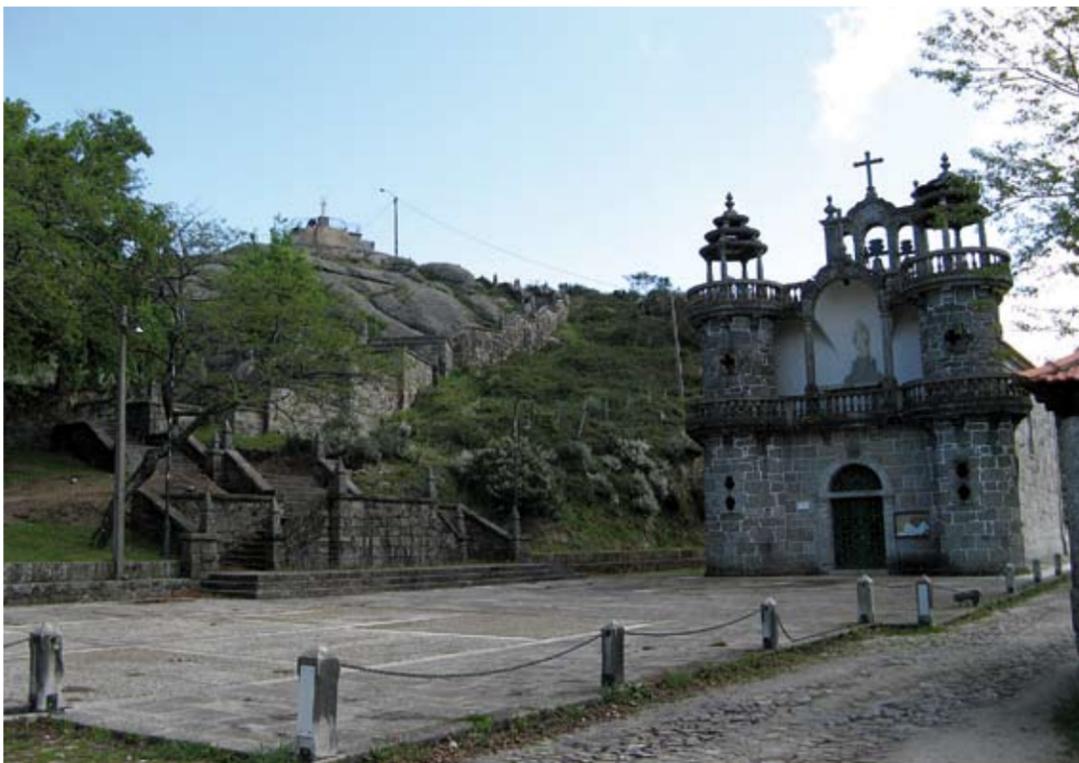
Senhora da Apresentação, Aqueduto de Cales, as pontes do Porto e de Rodas, ou o Pelourinho de Amares (no concelho de Amares), Castelo de Lanhoso, Estação Lusitano-romana de Nossa Senhora do Amparo, igrejas de Fontarcada e de S. João Baptista, as pontes de Prozelo e Mem Gutierrez, ou os pelourinhos de Lanhoso e Monsul (Póvoa de Lanhoso), Estação arqueológica do Chelo, marco miliário de Covide, ruínas de Calcedónia, ou Cruzeiro da Senhora do Campo (Terras de Bouro), Castro de Barbudo, Citânia de S. Julião de Caldelas, Cruzeiro de Cervães, Ponte e Pelourinho do Prado, Casa da Botica e Igreja de Sto. António de Mixões da Serra (Vila Verde).

O território dispõe ainda de duas importantes estâncias termais em Gerês (Terras de Bouro) e Caldelas (Amares), e de um conjunto de praias fluviais espalhadas pelos quatro concelhos: Ponte Nova, Malheira, Felinhos, Moinhos, Ombra, Ribeira e Barquinho (Amares), Verim, Esperança, Oliveira e Rola (Póvoa de Lanhoso), Moimenta e Gondoriz (Terras de Bouro), Faial, Aboim da Nóbrega, Malheira e Ponte Nova (Vila Verde).

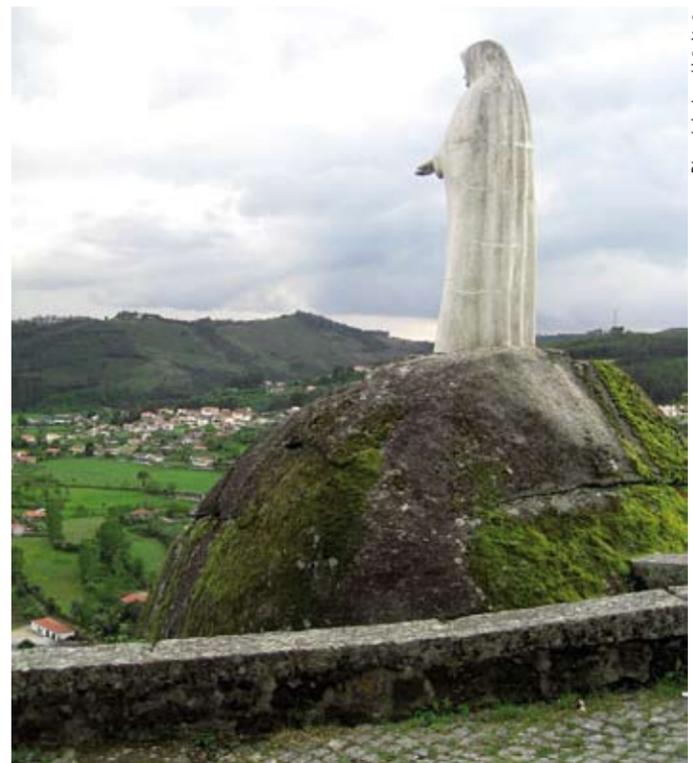
No artesanato pontificam os bordados e tecelagem em linho (patentes nos famosos Lenços de Namorados), bordados em lã, trabalhos em ferro forjado, trabalhos em madeira, cestaria e trabalhos em vime, olaria, cerâmica pintada à mão.

Por fim, a gastronomia está assente em matéria-prima como a carne barrosã, cabrito, frango do campo, trutas e outros peixes de rio, enchidos e fumados de suínos, que derivam em pratos como as papas de sarrabulho e os rojões, cozido, cabrito assado, arroz de cabidela ou de "pica no chão", arroz de feijão, lampreia, e ainda doces como o pudim abade de priscos, aletria, mexidos, rabanadas, doces de romaria, sempre bem acompanhados pela gama de vinhos verdes *ex-libris* da região.

João Limão



Igreja de Sto. António de Mixões da Serra (Vila Verde) / Paula Pátios dos Santos



Póvoa de Lanhoso / João Limão

# ATAHCA

Associação de Desenvolvimento das Terras Altas do Homem, Cávado e Ave



“Reinventar um futuro para o mundo rural”. Para que tal seja possível, a ATAHCA tem vindo a dotar a Zona de Intervenção (concelhos de Amares, Póvoa de Lanhoso, Terras de Bouro e Vila Verde) de todos os instrumentos necessários e imprescindíveis. Quando foi fundada, em 1991, o LEADER I era o único programa no horizonte. Mas, rapidamente, a associação passou à implementação de outros projectos e iniciativas, diversificando o seu leque de actividades,

considerando não só os objectivos que presidiram à sua constituição, mas também as necessidades das populações locais, como refere o presidente da ATAHCA, José António da Mota Alves. “O LEADER I teve um peso importantíssimo. Este programa permitiu começar a preparar o terreno para fazer este tipo de intervenção mais alargada. Não houve muito tempo para consolidar ideias mas começámos a identificar um conjunto de necessidades e planear uma estratégia que se reflecte no PAL [Plano de Acção Local] do LEADER II e PDL [Plano de Desenvolvimento Local] do LEADER+”.

Seguindo uma estratégia de continuidade, a ATAHCA é hoje em dia reconhecida por actuar em diversas áreas. Para além da gestão dos programas LEADER, a ATAHCA dinamizou o Centro Rural “Encostas de Mixões da Serra”, no quadro do PPDR (Programa do Potencial de Desenvolvimento Regional), foi a entidade responsável pela implementação de 11 PI (Planos de Intervenção), no âmbito da Medida Agris, contribuindo para a valorização do património construído (imóveis, azenhas, moinhos, lagares, eiras, espigueiros, palheiros, fojos do lobo, casarotas, relógios de sol, cruzeiros, alminhas, etc.), e melhoria das condições de vida das populações, e coordena, actualmente, o projecto “Rotas do Linho e do Ouro”, no âmbito da Acção 2 da Iniciativa Equal.

Na área da formação profissional, cujo peso tem vindo a aumentar nos últimos anos, a associação tem vindo a organizar acções formativas de reciclagem e de aprendizagem no âmbito do LEADER (de

curta duração para dar competências aos promotores de projectos de turismo), POEFDS – Programa Operacional de Emprego, Formação e Desenvolvimento Social (geriatria, construção civil, etc.), AGRO (agricultura biológica, viticultura, empresários agrícolas, operadores de máquinas agrícolas, etc.), PEPS – Programa de Emprego e Protecção Social (artesanato) e Centro de Emprego, às quais se juntam ainda os cursos de educação e formação de adultos (Cursos EFA), através do Centro de Reconhecimento e Validação de Competências (CRVCC), designados entretanto Centros Novas Oportunidades, procurando sempre responder às necessidades locais de emprego, numa estreita ligação com as entidades do território (potenciais empregadores). Para o presidente da ATAHCA, o mais importante são os resultados atingidos ao nível da empregabilidade, referindo que “cerca de 65% dos formandos estão a trabalhar, o que considero muitíssimo bom no panorama nacional”. Mas tal deve-se também, sublinha, “à forte ligação que mantemos com os formandos em orientação e aconselhamento, que passados quatro ou cinco anos continuam a vir cá com alguma regularidade”.

Na formação profissional, como no resto, “tentamos que seja um trabalho de desenvolvimento continuado que tem como meta o desenvolvimento integrado do território, razão pela qual a nossa intervenção é tão diversificada”, afirma António José da Mota Alves revelando alguma preocupação relativamente ao futuro da ATAHCA. “Temos um excelente relacionamento com as entidades da região, existem neste momento algumas ideias, mas é preciso criar condições para garantir a continuidade da associação com sustentabilidade para além dos programas e iniciativas comunitárias”.

#### ATAHCA

R. Condestável D. Nuno Álvares Pereira, 356/380  
4730-743 Vila Verde  
Telefone: 253 321 130 / Fax: 253 323 966  
E-mail: altocavado@mail.telepac.pt / www.atahca.pt

#### Órgãos sociais

**Assembleia Geral:** Presidente Câmara Municipal de Póvoa de Lanhoso | Vice-presidente Câmara Municipal de Vila Verde | Secretário CAVIVER - Cooperativa Agrícola de Vila Verde | **Direcção:** Presidente José António da Mota Alves | Vice-presidente Câmara Municipal de Amares | Vice-presidente Câmara Municipal de Terras de Bouro | Secretário Francisco António Pereira Alves | Secretário adjunto Região de Turismo do Alto Minho | Tesoureiro Manuel Aguiar Campo | Tesoureiro adjunto Associação de Criadores de Equinos de Raça Garrana | **Conselho Fiscal:** Presidente Caixa de Crédito Agrícola Mútuo de Vila Verde | Relator AMIBA - Associação do Minho dos Criadores de Bovinos da Raça Barrosã | Secretário COPACA - Cooperativa dos Produtores Agrícolas do Concelho de Amares

#### Associados

**Públicos** Câmara Municipal de Vila Verde Câmara Municipal de Amares Câmara Municipal de Terras de Bouro Câmara Municipal da Póvoa de Lanhoso Região de Turismo Alto Minho Região de Turismo Verde Minho Parque Nacional da Peneda-Gerês | **Privados** COPACA - Cooperativa dos Produtores Agrícolas de Amares COPALA - Cooperativa Agrícola da Póvoa de Lanhoso COATEB - Cooperativa Agrícola de Terras de Bouro Cooperativa Agrícola de Vieira do Minho CAVIVER - Cooperativa Agrícola de Vila Verde Cooperativa Agrícola de Valdozende Caixa de Crédito Agrícola Mútuo de Amares Caixa de Crédito Agrícola Mútuo de Vila Verde e Terras Associação do Minho de Criadores de Bovinos de Raça Barrosã Associação dos Vitivinicultores de Amares Adega Cooperativa de Vila Verde, Amares, Terras de Bouro e Póvoa de Lanhoso Aliança Artesanal Clube de Caça e Pesca de Vila Verde Centro Social e Paroquial de Covide Associação de Criadores de Equinos de Raça Garrana Clube de Caça e Pesca de Amares Sociedade Vinícola Entre Homem e Cávado, Lda Pedras Brancas - Desenvolvimento, Turismo, Artesanato e Serviços FIALINHO - Associação dos Produtores de Linho do Entre Douro e Minho Calcedónia - Fundação para o Desenvolvimento Rural Associação de Caça Lago Júnior Solar das Bouças - Sociedade Vitivinícola, S.A. | *Individuais* (17)

## PDL LEADER+

# Valorizar os recursos naturais e culturais

Ambiente, património e sistemas produtivos. O tema do Plano de Desenvolvimento Local (PDL) LEADER+ da ATAHCA, considerado agregador das potencialidades e ambições da região, em articulação com o tema federador do LEADER+ “Valorização dos recursos naturais e culturais”, traduz a estratégia do Grupo de Acção Local (GAL) do Alto Cávado, “baseada no conceito de desenvolvimento horizontal e relações de proximidade, em contacto directo e permanente com a população local, tentando avaliar as suas necessidades e corresponder aos seus anseios e desejos”.

Tendo em consideração as potencialidades e os estrangulamentos da região, o PDL LEADER+ da ATAHCA acolhe um conjunto de objectivos gerais: sensibilizar a população e os agentes locais a promover a preservação e a valorização do meio natural, patrimonial, cultural e a qualificação do território; contribuir para a reorientação da actividade agrícola, através da valorização dos produtos locais, do saber-fazer tradicional, da conservação da paisagem rural e da diversificação de actividades agro-ambientais; reforçar os mecanismos de formação e informação da população, através da melhoria dos serviços de apoio e proximidade; mobilizar

as capacidades empreendedoras e inovadoras, de maneira a que possam surgir novos modelos e sistemas que permitam fortalecer, dinamizar e diversificar o tecido socioeconómico, a participação activa e a organização os agentes locais; reforçar a competitividade, a melhoria da qualidade da oferta, a diversificação e promoção de produtos e de mercados, a qualificação dos recursos humanos, a potenciação das comunicações e a circulação da informação; promover e estabelecer relações de proximidade entre as entidades públicas e privadas que se identifiquem com o modelo de desenvolvimento proposto mediante acções de cooperação e intercâmbio de experiências.

Até 31.12.2006, a associação aprovou no âmbito do Vector 1 (Desenvolvimento Rural) 83 projectos na Medida 1 (Investimentos) e 21 na Medida 2 (Acções Imateriais). Considerando as despesas de funcionamento do GAL (Medida 4), o total global de investimento aprovado é de 4.059.058,35 euros. No Vector 2 (Cooperação), à mesma data, contam-se cinco projectos de cooperação inter-territorial e quatro de cooperação transnacional, num total de investimento aprovado de 306.597,94 euros.

Textos de Paula Matos dos Santos

## Equipa Técnica do GAL



**José António da Mota Alves**  
Coordenador

Co-autor do Plano de Desenvolvimento Agrário Regional (PDAR) do Alto Cávado, José António da Mota Alves é um dos fundadores da ATAHCA. Criada a associação, de que é sócio número um e presidente da direcção, continua como vereador da Câmara de Vila Verde até 2002, altura em que passa a dedicar-se inteiramente à ATAHCA. Convicto do trabalho desenvolvido pela associação, vê o futuro com alguma preocupação. Natural e residente de Pico de Regalados (Vila Verde) considera-se também um agricultor, produzindo vinho e quivi.



**Paulo Jorge Cristina Pereira**  
Técnico

Na ATAHCA desde 1992, Paulo Pereira, licenciado em Engenharia Zootécnica pela UTAD, tem vindo a seguir a evolução da associação, fazendo o acompanhamento de projectos no âmbito dos programas LEADER I, LEADER II, LEADER+, Centro Rural e Medida Agris. Ainda que se considere “essencialmente um técnico de terreno”, encontra-se, ultimamente, mais envolvido na gestão e controlo financeiro dos mesmos. Quanto ao futuro, não vê as coisas muito fáceis para “dar continuidade ao trabalho no espírito do LEADER”. Nascido em Vila Real, adoptou Braga para morada.



**José Carlos Martins**  
Técnico

Licenciado em Arquitectura (Universidade Lusíada, Porto), José Carlos Martins está na ATAHCA desde 2002. Entrou para elaborar cinco candidaturas à Medida Agris, tendo ficado responsável pelo acompanhamento de três dos quatro PI (Planos de Intervenção) aprovados. Técnico de acompanhamento dos projectos do LEADER+ é, neste momento, o responsável pelo levantamento de todo o património construído que a associação está a fazer no território de intervenção e que dará lugar a um guia de boas práticas, enquadrado no Vector 2 do LEADER+. Nascido em Terras de Bouro tem residência na Maia.



**Susana Pacheco**  
Técnica

Natural de Vila Verde, residente em Braga, licenciada em Relações Internacionais (Universidade do Minho), Susana Pacheco encontra na ATAHCA o seu primeiro emprego, como técnica do Centro Rural. Passados dois anos, em 2001, assume as funções de coordenadora pedagógica, respondendo pela formação profissional da associação. Uma área com peso crescente na ATAHCA onde a principal preocupação tem sido “fazer candidaturas de acordo com as necessidades locais de emprego”. Ainda que a integração profissional não seja fácil, sublinha os resultados evidentes ao nível da auto-estima.



**Luciano Barros**  
Técnico

Luciano Barros, natural de Vila Verde, entra na ATAHCA em 1997 com o curso superior em Relações Públicas (Universidade Fernando Pessoa - Unidade de Ponte de Lima) como estagiário. Passando a acompanhar os projectos LEADER II, acaba por se ocupar quase em exclusivo dos projectos da área da cooperação, entre os quais destaca: Clube Biored, Rotas Marianas e Eco-Rede de “Museus Vivos”, no Vector 2 do LEADER+, e Rotas do Linho e do Ouro, no âmbito da Iniciativa Equal.



**Fátima Mota**  
Técnica

Natural de Vila Verde, Fátima Mota chega à ATAHCA em Outubro de 1998. Com o curso superior em Gestão Comercial e Contabilidade (Universidade Fernando Pessoa - Unidade de Ponte de Lima), encontrou na ATAHCA a possibilidade de exercer funções na área que realmente lhe interessava, assegurando a contabilidade dos projectos e da associação. Ainda que não considere “nada muito difícil”, sublinha a especificidade de cada um dos programas.



**Estela Fernandes**  
Técnica administrativa

Chegou à ATAHCA para fazer um estágio profissional do Centro de Emprego e ficou. Já lá vão nove anos. Nascida na Venezuela regressa a Amares, com 13 anos de idade, completando o ensino secundário na área do turismo, via técnico-profissional. Assegurando as funções administrativas da associação, é a “cara e a voz” da associação e o elo de ligação de toda a equipa. Acalentando o sonho de voltar um dia a Caracas, dá-se por feliz por ter encontrado um lugar onde se sente muito bem.

Um fim-de-semana nas **Terras Altas do Homem, Cávado e Ave**

# Um percurso Mariano

**As gentes do Minho são alegres e crentes. A sua devoção a Maria está patente nas inúmeras capelas e santuários que povoam montes e vales. A devoção, a homenagem, a oração, estão sempre ligadas à festa, à fartura, à confraternização. As romarias no Minho, os espaços de devoção a Maria, são elementos indispensáveis para conhecermos a alma minhota. Para contemplarmos a paisagem inebriante de verde, para observarmos o património construído de séculos, para percebermos a cultura popular, para apreciarmos a sua riquíssima gastronomia e o seu artesanato.**

Vila Verde é uma vila cosmopolita e efervescente. Pode facilmente ser o centro da sua descoberta de toda a região e é por isso que lhe sugiro que, a partir daí, se decida por explorar as Encostas de Mixões da Serra, um prolongamento da Serra Amarela, contíguo ao Parque Nacional da Peneda-Gerês. O percurso é indispensável pela permanente descoberta de uma natureza exuberante, aqui e ali polvilhada por pequenas povoações rurais de uma integridade arquitectónica invulgar e onde poderá encontrar locais únicos para permanecer muito para além de um vulgar fim-de-semana. Percorrer as estradas de montanha rodeado de lameiros, de carvalhos e castanheiros, vislumbrando pachorrentas manadas de garranos e incontáveis rebanhos de cabras, é uma experiência que julgamos impossível e que está ali, tão próxima e impressionante. Não deixarei de lhe sugerir que reserve na agenda a data de Santo António. Os povos da montanha, devotos do Santo, erigiram-lhe um insólito santuário e todos os anos ali levam os seus animais para serem benzidos e livres de perigo. Uma cerimónia impressionante que deve ser vista ao menos uma vez na vida. Mas se não for lá no Santo António não deixe de visitar o santuário. Sente-se num dos muros do largo adro fronteiro e imagine a fé, a devoção, o esforço e toda uma cultura dos povos de montanha que ali, mais junto do céu, se irmanam com a natureza e com o sobrenatural. Tome depois o caminho de Brufe e da Barragem de Vilarinho das Furnas, penetrando num mundo mais agreste mas não menos belo do que até aqui. Atravesse a barragem e recorde a memória da povoação que lhe deu o nome e que jaz debaixo das águas, para seguir em direcção a Covide e descer, mais tarde até São Bento da Porta Aberta. Mesmo que o motivo que lhe proponho sejam os centros marianos, não lhe faltarão razões para deter a sua marcha. Diria que seria imperdoável não se deter no Museu Etnográfico de Vilarinho das Furnas, que preserva a memória da antiga povoação e que é um repositório da cultura do Gerês. São Bento da Porta Aberta não será, seguramente, o santuário mais rico em termos arquitectónicos, mas tem o privilégio de ser um dos mais visitados do país. Durante o Verão, principalmente em meados de Agosto, ali se deslocam de todo o Minho milhares de peregrinos, muitos deles percorrendo os velhos caminhos em longas peregrinações a pé. E é um local onde encontrará motivos para apreciar a rica gastronomia do Minho ou encontrar os muitos produtos agrícolas e artesanais do local. Tome a seguir o rumo da Senhora da Abadia pelo caminho do Formigueiro onde a tradição diz ter sido encontrada a imagem de S. Bento. A Via Sacra e o Mosteiro da Abadia, com o seu bosque frondoso, são motivo para uma longa demora e o restaurante local é referen-

ciado a nível nacional pela excelência da sua gastronomia. No caminho pode relembrar uma quadra popular que reza assim: "Perdoai ó S. Bentinho / Que nos vamos p'rá Abadia / Para o ano cá tornamos / Quando for o vosso dia". Desça depois para Santa Maria do Bouro e não deixe de visitar o antigo convento cisterciense, com a sua rica igreja. Da ruína quase completa do mosteiro se fez uma das pousadas mais emblemáticas deste país, mercê do trabalho do arquitecto Souto Moura. Merece uma visita para apreciar a forma como se podem criar ambientes modernos em total respeito pela memória e tradição. Regresse a Vila Verde e, às suas portas, visite o imponente Santuário da Senhora do Alívio, outro dos muitos espaços votivos à devoção de Maria. Rume depois à Póvoa de Lanhoso. À entrada, não pode perder uma subida ao castelo, imponente, alcandorado num enorme rochedo granítico. De lá se vislumbra uma imensa paisagem, como se sobrevoássemos um dos mais característicos recantos minhotos. Deixe-se conquistar pelas lendas da fundação da nacionalidade e imagine a vontade férrea de D. Afonso Henriques na criação do reino de Portugal, que o levou a encarcerar naquele espaço sua mãe e opositora, D. Teresa. Proponho-lhe que rume depois ao Santuário de Porto d'Ave, na freguesia de Taíde. Não posso deixar de lhe sugerir, pelo caminho, que se detenha em Fonte Arcada, para contemplar a bellissima igreja românica, uma peça de grande significado arquitectónico. Recorde ali a origem da revolução da Maria da Fonte, sublevação popular que procurou lutar no séc. XIX contra a proibição do enterramento dentro das igrejas. E, já que está em terras da filigrana de ouro, não perca a oportunidade de visitar o Museu do Ouro, em Travassos, um espaço museológico único de memória e de revitalização de uma tradição local, minhota e nacional. O Santuário de Porto d'Ave é uma surpresa para quem o descobre. Imitando o Santuário do Bom Jesus do Monte, com o seu escadório e capelas evocativas da vida de Cristo, recentemente restaurado, revela a sua grande riqueza barroca do séc. XVIII. Respira-se imponência, aliada à exuberância da agricultura fértil e verdejante do Minho. Pessoalmente, é um dos espaços que mais me impressionam neste percurso que vos proponho. Mas reconheço, e digo-o mais uma vez, que em todos os santuários referidos me senti mais perto da natureza e do sobrenatural. Uma natureza e um sobrenatural pujantes de alegria, como só o Minho pode evidenciar.

Francisco Botelho



Mosteiro/Pousada de Sta. Maria do Bouro (Amares) / Francisco Botelho



Fojo do Lobo (Gondomar, Vila Verde) / Francisco Botelho

## para dormir

Casas de Campo\* (TER)

- Casa da Urze, Casa da Sequeira d'Urjal; Casa das Seis Irmãs  
Amares
- Casa das Eiras de Carreira, Casa da Capela do Rebelo  
Póvoa de Lanhoso
- Casa do Antana, Casa do Tum, Casa d'Avó Glória, Casa do Lages, Casa da Beatriz e Inês, Casa do Capitão; Casa do Gaio; Casa dos Bernardos; Casa do Alexandre, Casa do Postigo, Casa Quinta da Domingas, Casa da Calçada  
Terras de Bouro
- Casa da Nóbrega, Casa da Fonte; Casa da Capucha  
Vila Verde

\* Informações e Reservas:  
ATAHCA Tel. 253 321 130; www.atahca.pt

## para comer

- Restaurante "A churrasqueira de Caldelas"  
Av. Afonso Manuel, Caldelas – Amares  
Tel. 253 361 236
- Restaurante "O Vitor"  
S. João de Rei – Póvoa de Lanhoso  
Tel. 253 909 100
- Cantinho do Antigamente  
Lugar de Sá, Covide – Terras de Bouro  
Tel. 253 353 195
- Restaurante "Torres"  
Ponte S. Vicente – Vila Verde  
Tel. 253 361 619
- Restaurante "A toca do lobo"  
Aboim da Nóbrega – Vila Verde  
Tel. 253 341 326

## para visitar

- Amares: Aldeias de Ramalha, Urjal e Chã Grande
- Amares: Mosteiros de Rendufe e Stª Maria de Bouro, Termas de Caldelas, Mosteiro da Abadia, Casa da Tapada, Ponte do Porto, Ponte de Rodas
- Póvoa de Lanhoso: Castro de Lanhoso, Centro Interpretativo do Carvalho de Calvos, Museu do Ouro; Museu de Arte Sacra, Aldeias de Carreira, Moure e Porto D'Ave
- Póvoa de Lanhoso: Igreja de Fontarcada, Castelo de Lanhoso
- Terras de Bouro: Aldeias de Brufe, Cutelo, Covide e Stª Isabel do Monte
- Terras de Bouro: Parque Nacional Peneda-Gerês, Geira Romana, Museu de Vilarinho da Furna, Cruzeiro de S. João de Campo, Termas do Gerês, S. Bento da Porta Aberta, Albufeiras da Caniçada e Vilarinho da Furna
- Vila Verde: Aldeias de Casais de Vide, Pequena, Gondomar e Stª Antónia de Mixões da Serra, Fojo do Lobo, Ecomuseu de Aboim da Nóbrega
- Vila Verde: Encostas de Mixões da Serra, santuários do Alívio e do Bom Despacho, Ponte de Prado

## para levar

- Amares: ferro forjado (Amararte)
- Amares: cerâmica; vinho verde e espumante (Cooperativa Agrícola do Alto Cávado; Casa da Tapada – Amares), Laranja de Amares
- Póvoa de Lanhoso: Queijos de cabra (Qtª dos Moinhos Novos)
- Póvoa de Lanhoso: bordados e tecelagem cestaria; filigrana (Travassos e Sobradelo da Goma), Vinho Verde (Quinta do Minho, Quinta Villa Beatriz)
- Terras de Bouro: bordados, tecelagem em linho e lã, artesanato em madeira, plantas medicinais e mel do Gerês (Pedras Brancas – Covide); trabalhos em madeira (António Carvalho); plantas medicinais, hortícolas, frutos secos, mel do Gerês, compotas, licores e doces tradicionais (Calcedónia – Covide)
- Terras de Bouro: produtos biológicos (Associação dos Produtores Biológicos de Terras de Bouro – Moimenta)
- Vila Verde: bordados e tecelagem (Aliança Artesanal; Associação Cultural, Recreativa e Musical de Aboim da Nóbrega); trabalhos em madeira (Joaquim Marques); trabalhos em vime (Irmãos Gama)
- Vila Verde: cerâmica pintada à mão, produtos biológicos (Associação dos Produtores Biológicos de Vila Verde)

# Moinhos de água de Souto Bom

O projecto “Os Ambientes do Ar”, apresentado pela Adices - Associação de Desenvolvimento de Iniciativas Culturais, Sociais e Económicas e promovido pelo município de Tondela, e objecto de financiamento público no âmbito da medida AGRIS, Acção 7 – Valorização do Ambiente e do Património Rural, subacção 7.1 – Recuperação e Valorização do Património Natural, da Paisagem e dos Núcleos Populacionais em Meio Rural da Adices, está estruturado em torno de duas componentes: os moinhos e a antiga escola primária. Os primeiros interligados por uma história são pólo de atracção, consubstanciado pelo edifício escolar, transformados em centro de interpretação plurifuncional.

Considerando toda a envolvente natural, cultural, tradicional e turística que circunda a Serra do Caramulo em geral e a aldeia de Souto Bom em particular, foi elaborado um projecto que quer valorizar os recursos endógenos e estruturar a economia local; qualificar o sistema rural numa perspectiva de desenvolvimento sustentável; recuperar e preservar as diferentes formas de património rural e histórico-cultural; criar condições efectivas para a dinamização turística da região; e aproveitar os recursos patrimoniais como factores de desenvolvimento local.

No que respeita às intervenções realizadas em torno dos moinhos, após avaliação do estado de degradação, pretende-se requalificar oito dos 13 moinhos existentes. Nalguns edifícios quer manter-se a funcionalidade inicial ligada à moagem dos cereais, enquanto que outros serão transformados em pequenos núcleos de interpretação com áreas tão diversas como o sistema solar, os tipos de energia, a reciclagem, etc. O espaço exterior envolvente será intervencionado de forma a facilitar o acesso aos moinhos em segurança.

## Os moinhos de água

Os moinhos de água surgem como forma de rentabilizar uma das maiores riquezas naturais da zona de intervenção da Adices, a água. Apesar de nenhum dos muitos cursos de água da região ser navegável, o Homem sempre recorreu a este meio para uso doméstico, recolha de alimento e sustento da actividade agrícola. Ainda hoje é frequente encontrarmos algumas construções humanas, tais como levadas (desvios dos cursos de água com vista à irrigação dos campos) e moinhos de água, que em muitos casos se encontram em avançado estado de degradação.

Os engenhos são construções antigas com uma morfologia arquitectónica própria e característica da actividade a que se destinavam, neste caso a moagem de cereais. Na sua construção recorria-se sobretudo a matérias-primas locais, como o granito e a madeira, e a tecnologias tradicionais. Na região estas construções tradicionais rurais correspondem, geralmente, ao grupo de moinhos denominado de “roda horizontal”. São do tipo moinho pequeno, de um só rodízio, de planta rectangular, sem vãos, a não ser a porta de acesso, sendo o telhado, daqueles que por acaso, ainda o conservam, com uma ou duas águas. O material é composto por pedras graníticas e madeira, material abundante na região, com cubos compostos por sistemas de anéis, que chegam a ter altura máxima de 0,70m e alcançar um comprimento de 4m.



O declínio da actividade agrícola na região e o aparecimento de técnicas de produção inovadoras e tecnologias modernas levaram à progressiva perda de importância destas construções e ao desinteresse dos proprietários pela sua manutenção.

## Aldeia de Souto Bom – a razão de uma escolha

Souto Bom é uma pequena aldeia situada na freguesia de Caparrosa, concelho de Tondela, no alto da Serra do Caramulo. O casario antigo organiza-se em núcleos de ruas estreitas calcetadas de pedra e de queilhas, descendo para as hortas e os campos de milho. Ainda é possível encontrar canastros (designação local para o espigueiro) que guardam o milho, eiras que se limpam para a seca do feijão e para a malha dos cereais, bem como pessoas com vontade de reviver e recuperar as tradições mais antigas.

A escolha de Souto Bom para a implementação de um projecto sustentável fundamenta-se na existência de uma cadeia de 13 moinhos hidráulicos, de roda horizontal, localizados na encosta da Ribeira da Pena, um afluente do Rio Dinha. Estes engenhos permitem afirmar que estamos perante um conjunto de equipamentos rurais susceptíveis de serem restaurados proporcionando a revitalização da aldeia de Souto Bom. Este elemento diferenciador permitiu pensar na utilização da paisagem cultural dos moinhos da Ribeira da Pena, como um recurso para o desenvolvimento local, mediante a sua transformação num centro de educação e investigação patrimonial, sustentado na recuperação, valorização e promoção dos recursos patrimoniais presentes: os moinhos, a natureza e as pessoas.

Neste sentido, considerando tratar-se de uma região onde ainda é possível encontrar locais pouco alterados pela presença humana, urge orientar o desenvolvimento de forma a potenciar a componente da natureza, do ambiente natural existente e da ruralidade que a caracteriza. Assim, pretende-se aproveitar os recursos culturais associados à tradição agrícola da região, votados ao abandono, e potenciar esse eixo como um vector estratégico para a atracção e fixação de visitantes e criação de uma imagem de marca e identidade regional do território.

Adices

# Cova da Beira, um património a conhecer

A Cova da Beira – concelhos de Belmonte, Covilhã e Fundão – é uma região rica em património construído e edificado, possuindo casas senhoriais, capelas, igrejas, pontes, Fontanários, castelos e outros motivos de interesse, que constituem um verdadeiro património histórico-cultural, religioso e turístico.

Sabendo que parte da nossa cultura se encontra expressa nas edificações do passado, consideramos fundamental preservar essa identidade através da requalificação dos elementos particulares e públicos que constituem o património.

O simbólico contributo do programa LEADER traduz bem a importância fundamental de acções desta natureza. No âmbito deste Programa, a Rude - Associação de Desenvolvimento Rural tem co-financiado vários projectos, cujo objectivo estratégico é o de conservar e recuperar o património construído, designadamente, a recuperação de fachadas de traça tradicional de edifícios particulares, património histórico e religioso, e outro de valor arquitectónico local, num estado de espírito e de actuação que se materializam no âmbito das estratégias definidas.

Ao longo das três fases do programa LEADER temos concedido uma especial atenção ao Património construído, contribuindo para uma estratégia de desenvolvimento integrado e sustentável, renovação e desenvolvimento das zonas rurais.

Os projectos destacados, executados no âmbito do LEADER+, constituíram um estímulo e formas importantes de reforço da identidade colectiva e também um factor de fixação das populações conseguido através da melhoria do espaço habitável e que testemunham a riqueza histórica e arquitectónica local. Mas podíamos ter escolhido intervenções mais antigas, porque desde 1991 que a Rude tem o seu nome associado à recuperação, valorização e preservação do património edificado, cujo objectivo é o de reconstituir a memória viva e a identidade que a arquitectura local confere a este território.

Torna-se necessário e urgente continuar o esforço de preservar e valorizar o património existente e descobrir novos potenciais e vestígios históricos, como por exemplo ruínas arqueológicas. Estamos conscientes que ainda existe bastante trabalho por realizar nesta região do País, o que constitui um desafio permanente e constante na procura de uma maior valorização da paisagem rural e de incentivos comunitários.

Celeste Valente  
Rude



Fotos: Rude

## Fundão

Recuperação do edifício dos antigos Paços do Concelho de Alpedrinha, cujo objectivo foi dotar o imóvel de soluções funcionais adaptadas às necessidades actuais desta vila localizada na encosta sul da Serra da Gardunha, nomeadamente a reactivação da função de cariz cultural já desempenhada em tempos. O espaço possui ainda as condições necessárias para a colocação de conteúdos informativos e promocionais sobre Alpedrinha e zona envolvente.



## Tortosendo (Covilhã)

Recuperação e valorização das capelas de Nossa Senhora dos Remédios, de São José Operário e do Calvário, “marcos” da cultura sócio-cultural da freguesia. Através do LEADER foi possível conservar e preservar o património religioso edificado, e promover turisticamente a localidade e alguns dos seus templos religiosos.



## Belmonte

Recuperação de um edifício localizado numa das artérias principais desta Vila Histórica, onde foram instaladas pequenas oficinas de artesanato e onde os artesãos criam, restauram, e concertam, em presença, várias peças artesanais. Foi um bom projecto porque se conseguiu, associar o património arquitectónico ao património cultural, contribuindo para a valorização da riqueza artesanal da região.

# Sentir a história, envolver a tradição

Com o objectivo de criar um sistema local de informação turística capaz de responder à necessária proximidade aos visitantes que se deslocam em pequenos grupos e para os quais não é sempre possível disponibilizar um guia turístico e dispor dos diversos espaços de visita abertos e acessíveis, a TAGUS - Associação para o Desenvolvimento Integrado do Ribatejo Interior em parceria com a PT - Portugal Telecom desenvolveram uma identidade comum que se estrutura, organiza e promove em torno da marca e conceito inSITU, com o objectivo de procurar responder a este desafio.

Para tal estruturou-se um conjunto de novos projectos de revitalização do mundo rural promovidos pela TAGUS em parceria com os três municípios, que conta com o suporte financeiro da Iniciativa Comunitária para o Desenvolvimento Rural, LEADER+, destinados ao território do Ribatejo Interior nos Concelhos de Abrantes, Constância e Sardoal.

Com esta marca global e a necessidade de tratamento individualizado a cada percurso concelhio no território, surge o projecto de criação dos circuitos específicos para cada centro histórico, individualizado nos conteúdos, mas também nos equipamentos que lhe são inerentes, cabendo à TAGUS o papel de com a marca inSITU lhe conferir um carácter unificador capaz de valorizar sinergias e potenciar o efeito de comunicação, essencial no sector turístico.

## As personagens

Os verdadeiros guias da região, procuram representar uma particularidade de cada concelho visitado. Para além de orientar o visitante, despertam o interesse para detalhes peculiares existentes na região visitada que, muitas vezes, passam despercebidos aos olhos de quem a visita e até mesmo de quem nela habita.

O "Palhinhas" inspirado no tradicional doce de Abrantes representa a história e o papel que a cidade desde sempre assumiu na região com os seus conventos e importantes portos fluviais.

A "Tágide", musa inspiradora de Camões nos Lusíadas, é a personagem que, tal como ao poeta, acompanha em Constância os seus visitantes na confluência de sensações.

Símbolo de religiosidade e arte, o "Mestre Gil", representa, para além das pinturas no retábulo quinhentista do Mestre do Sardoal, a boa disposição das gentes e o sentido viver das muitas igrejas e capelas que na Páscoa se assumem como telas da expressão artística popular.



É nesse sentido que surge o inSITU, uma marca global de informação turística de proximidade e apoio ao visitante, suportado na utilização de novas tecnologias da informação.

Os centros históricos de Abrantes, Constância e Sardoal, tornar-se-ão autênticos museus ao ar livre, sempre disponíveis no contacto com o visitante que terá a oportunidade de conhecer e sentir os monumentos, espaços e acontecimentos da cultura local, apresentados por descrições, imagens e recreações de ambientes sonoros.

## A marca

A necessidade de criar um elemento identitário territorial comum aos concelhos envolvidos, um nome que funcione como síntese do projecto e de fácil leitura e percepção nas suas múltiplas aplicações são as premissas para a marca inSITU.

inSITU procura ser a afirmação da sua marca enquanto aplicação com uma identidade própria. O objectivo do logo-marca é duplo. Por um lado, a imagem de inSITU deve ser uma imagem global que identifique o conceito de Informação Turística e que permita aos visitantes reconhecer imediatamente, qualquer mensagem proveniente da mesma. Por outro, deve existir uma comunicação interterritorial, tendo para o efeito sido criados três circuitos adequados a cada um dos concelhos e que funcionam em real complementaridade. Cada um dos concelhos deve entendê-la como uma imagem identificativa unitária, como um empenho comum, uma filosofia partilhada.

A cor dos equipamentos instalados em cada um dos centros históricos identifica o circuito: o amarelo tendo a sua expressão na harmonia do aglomerado urbano do Sardoal; o azul no encontro dos rios de Constância e o verde elemento unitário de Abrantes, um dos maiores concelhos do Ribatejo. O elemento cinza é utilizado metaforicamente na vertente tecnológica, a plataforma onde assenta este projecto.

Mais informações: [www.portalinsitu.com](http://www.portalinsitu.com)

## Os meios de interacção

### inSITU TV

Composto por onze painéis IPTV instalados em locais de interesse público e dois quiosques multimédia de exterior. Permitem a difusão e a interacção com a aplicação multimédia que contém todo o espólio audiovisual em diferentes línguas.

### inSITU PORTAL

Disponível na Internet permite o relacionamento contínuo com o visitante ao mesmo tempo que divulga o projecto a nível nacional e internacional.

### inSITU TOUR

Através de dispositivos multimédia pessoais e interactivos disponíveis nos postos de turismo de cada concelho torna-se possível realizar uma visita guiada aos centros históricos apoiada em vídeos, imagens e sons, geo-refenciados por GPS.

### Bluetooth

Disponíveis em formato GIF, animado ou vídeo 3GP, os conteúdos são oferecidos a quem disponha de um terminal móvel com capacidade de bluetooth activa e que circule próximo do inSITU TV.

# Rede Europeia de Turismo de Aldeia premiada

O projecto de criação da Rede Europeia de Turismo de Aldeia, coordenado pela Região de Turismo de Évora e no qual participam 14 aldeias do Alentejo, foi galardoado com o Prémio Ulysses 2007 na Categoria de Inovação, reconhecimento este atribuído pela Organização Mundial do Turismo e que pela primeira vez premeia uma entidade portuguesa.

A nomeação para o prémio Ulysses é feita por entidades, organizações e empresários externos ao projecto. A atribuição desta distinção é precedida de um intensivo processo de análise levado a cabo pelo Comité do Prémio Ulysses da *United Nations World Tourism Organization* em que é avaliado o valor dos projectos por entidades externas aos mesmos, bem como os seus objectivos, resultados e acima de tudo o seu carácter inovador e relevante para o sector do turismo. O prémio Ulysses representa para a parceria o reconhecimento de trabalho desenvolvido ao longo destes anos mas acima de tudo um desafio para um futuro.

A Rede Europeia de Turismo de Aldeia assume-se como um projecto de desenvolvimento turístico sustentável assente na promoção de uma oferta turística de qualidade em meio rural. Este projecto contou com o apoio do programa comunitário Interreg III C Sul entre Julho de 2003 e Setembro de 2006.

As actividades levadas a cabo no âmbito deste projecto visam o desenvolvimento do conceito de Turismo de Aldeia e de Turismo do Imaginário como componente de animação turística das regiões envolvidas. Este conjunto de actividades proporcionaram o desenvolvimento de Planos de Aldeia, de um Documento Orientador para Selecção de Aldeias, de um Plano Estratégico da Rede, acções de promoção e animação turística, edição de materiais promocionais e acções de formação profissional.



Uma componente importante deste projecto passa então pela definição e desenvolvimento de um conjunto de actividades de animação ligadas ao Turismo do Imaginário, ou seja, às tradições de cada comunidade, à sua identidade, aos seus monumentos, com o recurso aos monumentos megalíticos, às lendas sobre bruxaria, às tradições celtas e lendas da Transilvânia, etc, no fundo todo o património de cultura tradicional que permite diferenciar estas aldeias, esta Rede, de outras aldeias, de outras redes. A cada região corresponde assim um tema forte sobre o qual são desenvolvidas acções de animação. Por região temos o Megalismo para o Alentejo, a Bruxaria para Trentino, o Shamanismo para a Lapónia finlandesa, a Árvore da Vida para Lomza, e as Lendas da Montanha para Arad.

Utilizando o Plano Estratégico da Rede como base de orientação a parceria está a preparar a terceira fase deste projecto. A criação das organizações regionais que darão continuidade à Rede assume-se como a tarefa primordial, tendo já sido possível criar a Associação do Alentejo e de Trentino.

**Apolónia Rodrigues**  
Região de Turismo de Évora

## O Monte na linha da frente do turismo de aldeia



Castelo de Évora Monte / Francisco Borelho

O projecto Rede Europeia de Turismo de Aldeia tem por finalidade a promoção de uma marca de oferta turística de qualidade em meio rural. Deu os seus primeiros passos com a criação e licenciamento das duas primeiras unidades de turismo de aldeia em Portugal: o turismo de aldeia de São Gregório, em Borba, e o turismo de aldeia do Telheiro, em Reguengos de Monsaraz. A dinamização deste conceito constituía um dos objectivos principais do projecto local

de intervenção do Grupo de Acção Local (GAL) Monte no programa LEADER+, que apoiou a criação daquelas duas unidades.

A Rede baseia-se no conceito de autenticidade. A marca «Genuineland» está disponível num portal, em português e inglês, e permite o acesso a um conjunto de informações sobre as aldeias que integram o projecto. Acedendo a uma aldeia, fica a conhecer um pouco da história da localidade, distâncias, acessos, alojamentos, restaurantes, lojas e uma série de contactos úteis.

No âmbito do Plano de Desenvolvimento Local (PDL) do LEADER+, o GAL Monte tem apoiado a criação de condições nalgumas aldeias alentejanas para a promoção de uma oferta integrada de qualidade com destaque para a instalação de sinalética para o desenvolvimento dos percursos do imaginário feitos em torno do património megalítico (Monsaraz) e cultural (Évora Monte).

O Monte reconhece a importância do desenvolvimento de uma oferta de turismo de qualidade na região, e por isso defende na sua estratégia de intervenção para o próximo programa LEADER a promoção do designado “percursos do imaginário”, produto de uma marca de turismo de qualidade.

**Marta Alter**  
Coordenadora do GAL Monte

# Rentrée entre tachos e panelas

Depois do merecido descanso estival, a Loja Portugal Rural prepara-se para uma *rentrée* em grande, cheia de novidades e actividades. Ao longo do próximo trimestre estão agendadas exposições, campanhas de divulgação e provas. As comidas, servidas habitualmente na Taberna, vão ser ainda mais diversificadas, de acordo com o gosto dos convidados, que, ao longo de três meses, animarão a iniciativa Tachos e Panelas.

Enólogos, chefes de cozinha, entre eles Gabriel Fialho, do eborense Fialho, amigos e conhecidos aceitaram a proposta de cozinhar e dar a conhecer os seus dotes gastronómicos a todos os que visitarem o espaço Portugal Rural. A ideia é trocar experiências e sabores e divulgar os “segredos” de chefes de cozinha profissionais e amadores.

Durante este período, serão também organizadas três exposições. Na primeira, a artesã Rita Matias, de Leiria, exporá os seus “santos bem-dispostos” ao longo de duas semanas (de 27 de Setembro a 11 de Outubro). Uma oportunidade para trocar impressões com a barrista sobre a original linguagem das suas peças. De 19 de Outubro a 2 de Novembro, Tiago Cabeça e Magda Ventura levarão até Campo de Ourique um pouco da Oficina da Terra, centro de manufactura dos trabalhos desta dupla de artesãos, várias vezes distinguida com prémios e menções honrosas. Para Novembro, está igualmente programada uma exposição, desta feita, de utensílios de cozinha antigos ou em vias de extinção: colheres de pau, tachos de três pés, peças de barro, vidros, latões, madeiras e achados raros avivarão as memórias dos mais velhos e despertarão curiosidades dos mais novos. A não perder...

Mas as novidades não se ficam por aqui. Em simultâneo com estas exposições, a Loja Portugal Rural organiza a Campanha Alentejo Rural, dedicada ao pão e aos produtos tradicionais agro-alimentares alentejanos. A iniciativa incluirá provas e decorrerá durante o mês de Outubro. Em Novembro (de 7 a 13), será a vez dos azeites do Ribatejo Interior serem divulgados com provas de degustação e explicações a todos quantos quiserem conhecer mais sobre esta iguaria mediterrânica.

Para festejar a *rentrée* com todos os clientes e amigos, a Loja Portugal Rural reserva-se o direito de servir *cocktails* em todas as iniciativas programadas.

**Loja Portugal Rural**  
R. Saraiva de Carvalho, n.º 115  
Campo de Ourique 1250-242 Lisboa  
Tel. 21 395 88 89 Fax 21 395 3878  
E-mail: lojaportugalrural@mail.telepac.pt  
Horário: das 10h às 20h



Loja Portugal Rural / Paula Matos dos Santos

## Barro com sorrisos

A expressão “santos bem-dispostos”, com que Rita Matias abre o seu site, não podia ser mais bem escolhida, já que as peças desta artesã de Leiria (anjos, santos, fadas, cristos, presépios, entre outros) são, de facto, muito coloridas e alegres. De sorriso sempre rasgado, não há figura por si moldada e pintada que não cativa à primeira, tal é a simpatia que as suas criações transmitem. Rita Matias criou, como ela própria diz, «uma nova linguagem para a arte sacra».

As peças são em barro vermelho moldado em roda e modulação manual e são pintadas à mão. A artesã começou a sua actividade profissional em 2002, foi seleccionada para a final do Concurso Artesanato, organizado pelo Instituto do Emprego e Formação Profissional e participou em várias feiras internacionais, nomeadamente em Paris e Milão, e nacionais.

Rita Matias é licenciada em Design Industrial pelo IADE, além de ter ingressado na Associação de Joalheria de Autor, no Porto, no curso de Joalheria, formação que prosseguiu na Contacto Directo, em Lisboa. Fez também formação na Cerâmica Adelino, em Mafra. As peças da artesã podem ser adquiridas na Loja Portugal Rural e através do site [www.ritamatias.com](http://www.ritamatias.com).

## Uma dupla de sucesso

Tiago Cabeça frequentou o curso de Artes Plásticas da Universidade de Évora. Mas os segredos da arte do barro aprendeu-os com os mestres Orlando Guimarães e António Velho, da Olaria Guimarães/Velho, em S. Pedro do Corval, Reguengos de Monsaraz. Actualmente, esculpe e molda todas as peças da Oficina da Terra, atelier criado em 1998 com Magda Ventura, que pinta e finaliza todas as peças da dupla.

A Oficina da Terra ganhou vários prémios e menções honrosas, nomeadamente, o primeiro prémio de Artesanato Contemporâneo FIA 2002, uma menção honrosa na Nacional Bienal de Artesanato Contemporâneo 2003/2005 e o primeiro prémio nacional de Artesanato Contemporâneo 2001/2003. Os trabalhos dos dois artesãos podem ser apreciados e comprados, entre outros, na Loja Portugal Rural, em Lisboa, e na Oficina da Terra, que fica numa das zonas mais nobres da cidade de Évora: o Largo do Município, local de festa, actividade, cultura e movimento permanentes.

## Ao sabor do Alentejo

Para abrir o apetite, uma breve amostra dos pitéus servidos numa das mais conhecidas casas eborenses: ovos de codorniz com paio, perdiz à Convento da Cartuxa e encharcada de Mourão. Fundado por Manuel Fialho, em 1948, com a colaboração dos filhos Amor, Gabriel e Manuel, o restaurante Fialho começou por ser uma tasca, mas foi crescendo sempre ao sabor de receitas tradicionais do Alentejo.

No início dos anos 50, já servia petiscos e alguns pratos de comida tradicional alentejana, de confecção simples. Na década de 60 converteu-se em Casa de Pasto, servindo numa base mensal alguns comensais, funcionários públicos e administrativos deslocados em Évora, sendo dessa fase o frango caseiro de churrasco, ao tempo, famoso.

Na década de 70, alargou a qualidade da oferta através da recolha de pratos tradicionais da região, alguns praticamente desaparecidos como a Favada Real de Caça, servida pelo rei D. Carlos aos seus convidados depois das caçadas, a Sopa de Beldroegas, as Migas Gata, a Poejada de Bacalhau, e outros manjares alentejanos. O trabalho feito em prol da defesa e conservação da cozinha regional alentejana mantém-se até hoje.

Entre muitos outros prémios, Gabriel Fialho, actualmente responsável pela cozinha do restaurante, recebeu do rei de Espanha três medalhas de prata como distinção por três pratos confeccionados num jantar em que participaram todos os países da União Europeia. A Academia Portuguesa de Gastronomia conferiu-lhe, por esta razão, o diploma de Melhor Chefe de Cozinha, em 1992.

## 6ª Comissão Nacional de Acompanhamento

A 6ª Comissão Nacional de Acompanhamento (CNA) do programa LEADER+, que teve lugar na Chamusca, na Misericórdia de São Francisco, no passado dia 28 de Junho, fica marcada pela apresentação pública de Carlos São Simão de Carvalho como novo director-geral da Direcção Geral de Agricultura e Desenvolvimento Rural (DGADR).

Com os trabalhos assentes em sete pontos de discussão – Aprovação da Acta da 5ª Reunião da CNA, Ponto de situação da execução do Programa, Ponto de situação das acções de controlo de 1º nível, Plano de Actividades da Rede para 2007, Apresentação e aprovação do Relatório de 2006, Reserva de eficiência, Critérios de atribuição, e Pedido de aprovação de candidaturas –, a reunião decorreu conforme programada.

Depois da aprovação da acta da 5ª Reunião do CNA e do Relatório 2006, ambos por unanimidade, foi o ponto seis, relativo à “Reserva de eficiência, critérios de atribuição” que motivou uma reflexão mais aprofundada por parte de alguns responsáveis de organizações gestoras do programa LEADER+. Perante esta temática da reserva de eficiência, Rui Batista, chefe de projecto LEADER+, esclareceu que o objectivo da elaboração de critérios de avaliação dos projectos apresentados é que “vamos privilegiar aqueles que executam e que melhor executam”. Outro critério de avaliação “é que não tenha disponibilidade financeira na medida 1.2”, porque será dada prioridade aos projectos criadores de emprego e carácter inovador. Contudo, foi deixada em aberto a possibilidade dos membros da CNA se pronunciarem sobre a proposta apresentada, ficando a decisão remetida para data posterior.

Apontado ao futuro mas ainda com raízes no presente, foi apresentado o Plano de Actividades da Rede para 2007 sendo o seu objectivo prioritário dar continuidade às actividades regulares da Rede Portuguesa LEADER+, nomeadamente o jornal “Pessoas e Lugares”, os cadernos temáticos “Pessoas e Lugares”, bem como a actualização do site.

Entre os novos projectos, o horizonte de actividades para o segundo semestre deste ano engloba a concepção e acompanhamento de novos produtos, assim como a constituição de um grupo de acompanhamento

do trabalho para operacionalização das actividades, constituído por técnicos da Rede Portuguesa LEADER+ e da Federação Minha Terra.

A partir de Setembro está prevista a realização da conferência: “O novo Paradigma Rural”, a edição de um DVD sobre o Repertório LEADER+ (em inglês e português), a criação dos módulos interactivos “Projectos, Pessoas e Organizações para o Desenvolvimento Local dos Territórios Rurais” (que serão expostas numa base de dados *online* permanentemente actualizável). Num trabalho desenvolvido em conjunto com a LeaderOeste pretende-se ainda editar as publicações LEADER, que contaram com o apoio

deste programa. Mais tarde, está também prevista uma acção de intercâmbio entre o Brasil e Portugal, desenvolvida em parceria com a Dueceira, em articulação com o Projecto Cooperar em Português.

No final do ano, terá lugar a Conferência da Comissão Europeia / Ponto de Contacto sobre LEADER+, para preparar e operacionalizar a participação portuguesa, em articulação como a Comissão Europeia / Ponto de Contacto. As actividades prosseguem com a realização dos estudos de caso do LEADER. O chefe de projecto LEADER+, Rui Batista, destacou ainda que o “seminário final de encerramento do LEADER+ vai-se realizar em Portugal”. Uma iniciativa que, segundo Carlos Simão de Carvalho, “é uma extraordinária oportunidade de deixarmos uma herança”.

João Limão



João Limão

## Minho e Douro brilham em Bruxelas



Em tempos de Presidência Portuguesa do Conselho da União Europeia, as associações de desenvolvimento local do Entre Douro e Minho e Beira-Douro subiram ao Parlamento Europeu. Os corredores de Bruxelas encheram-se assim, de 3 a 5 de Julho, de imagens e sabores do Minho e Douro / Aldeias de Portugal / Solares de Portugal. A convite do eurodeputado português Luís Queiró (CDS-PP), comemorou-se solenemente a Presidência Portuguesa da União Europeia. A Associação do Turismo de Aldeia (ATA) foi responsável pela coordenação e organização da representação regional em Bruxelas.

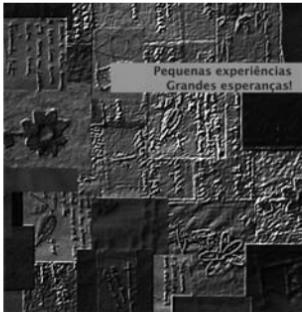
No quadro do projecto de cooperação Aldeias de Portugal, financiado ao abrigo do programa LEADER+, as associações Adrimag, Adril, Adriminho, Atahca, Sol-do-Ave, Ader-Sousa, ProBasto e Beira-Douro levaram nas suas malas os melhores cartões de visita de cada território, e apresentaram-se também como membros de um projecto de cooperação. Após o dia de inauguração da exposição e um segundo dia com o deputado Luís Queiró, decorreu, no dia 5 de Julho, a Conferência “Villages of Traditions”. A abertura do certame ficou a cargo da Comissária para a Agricultura e Desenvolvimento Rural, Mariann Fischer Boel, que destacou o projecto “Villages of Traditions” como uma das histórias de sucesso do método LEADER que sobreviveu ao LEADER II e saudou o excelente exemplo de abordagem integrada do turismo rural. Enquanto Comissária para a Agricultura e Desenvolvimento Rural, Mariann Fischer Boel relevou os 57 por cento de território rural europeu, com 90 por cento da população, daí o segundo pilar da Política Agrícola Comum ser o desenvolvimento rural. E nesse quadro o LEADER ocupa, sem dúvida, um lugar de destaque, primeiro modesto, depois de *mainstream* das políticas de desenvolvimento rural.



**A Confraria do Santíssimo Sacramento do Pico de Regalados (1731-1780)**  
Araújo, Maria Marta Lobo de; ATAHCA - Associação de Desenvolvimento das Terras Altas do Homem, Cávado e Ave; 2001

"A confraria do Santíssimo Sacramento de São Paio do Pico de Regalados é uma instituição setecentista, enquadrada num ambiente de divulgação e incremento do culto da sua invocação." É esta a instituição objecto de estudo da investigadora Maria Marta Lobo de Araújo, doutorada em História Moderna e Contemporânea, e cuja investigação se tem desenvolvido em torno da história social da época moderna. Neste trabalho, a autora lança um conjunto de questões acerca da instituição, como a amplitude de influência da confraria? Recrutamento de irmãos? Motivações para integrarem a instituição? Especificidades deste culto e a envolvimento dos seus paroquianos? E a que anseios espirituais e materiais respondiam estas instituições? Múltiplas e variadas questões para as quais se procuram respostas, "embora a documentação existente não permita esclarecer todas as nossas aspirações".

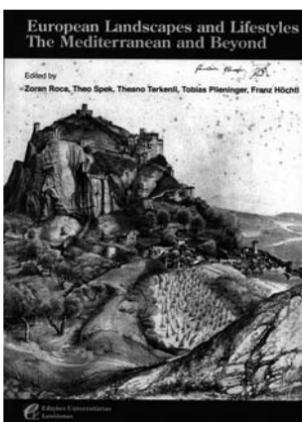
O trabalho está organizado em oito capítulos. No primeiro, é feita uma breve reflexão sobre o arquivo da instituição e análise dos livros de registo. A seguir, em "A instituição da confraria" é analisada a implantação deste culto no mundo católico a partir de Trento, com apresentação dos principais mentores, diligências de viabilização do projecto e apresentação dos ideais da confraria. O capítulo "A composição social da confraria" trata das condições de admissibilidade à instituição, enquanto "O processo eleitoral" estuda os órgãos directivos da instituição, caracterizando as funções dos seus membros. O quinto capítulo aborda as comemorações, sendo seguido por "A condução do viático aos doentes". "A assistência à alma e à instituição de legados" trata da preocupação da salvação da alma e cumprimento de legados, por parte de confrarias, que levassem ao descanso eterno. Por fim, "O suporte económico da confraria" é analisado no último capítulo, dando-se especial atenção ao empréstimo de capitais. Por fim, a autora apresenta uma conclusão, seguida de anexos.



**Pequenas experiências, grandes esperanças!**

Estivill, Jordi, Fátima Veiga, Ana Cláudia Albergaria, e Maria José Vicente;  
REAPN - Rede Europeia Anti-Pobreza; 2006

Publicação resultante do projecto desenvolvido no quadro de actividades da REAPN, no âmbito do Plano Nacional de Acção para a Inclusão 2003-2005, enquadrado no eixo 4, e denominado "Activar a Participação". Designação que é um dos principais objectivos da REAPN e que se encontra consagrada nos seus estatutos: "promover e aumentar a eficácia das acções de luta contra a pobreza e exclusão social, fazendo com que tenham expressão acções inovadoras neste campo, dando voz aos indivíduos, restituindo-lhes a capacidade de iniciativa e promovendo a sua participação no desenvolvimento de algumas acções". Através do relato de experiências (micro-acções) desenvolvidas ao longo do projecto pelas instituições que nele participaram, a publicação pretende constituir-se como um instrumento de reflexão, análise crítica e conhecimento, resultante do desenvolvimento de um projecto experimental. Estruturada em seis partes, no primeiro capítulo a publicação procura dar conta do conceito de participação, com diferentes acepções, tipologias e escalas. No segundo, faz-se uma resenha histórica do tema da participação no contexto europeu. Trabalho que é replicado a nível nacional, reportando ao 25 de Abril, no terceiro capítulo. No quarto capítulo, é feito um aprofundamento do Projecto "Activar a Participação", analisando as diferentes micro-acções desenvolvidas pelos quatro observatórios. No seguinte, procura-se fazer um levantamento, o mais exaustivo possível, das iniciativas nacionais e europeias que testaram metodologias participativas. Por fim, nas Conclusões e Recomendações é manifestada a vontade de que "a participação da população excluída seja incorporada nas diferentes iniciativas promovidas pela REAPN".



**European Landscapes and Lifestyles: The Mediterranean and Beyond**  
Roca, Zoran, Theo Spek, Theano Terkenli, Tobias Plieninger, Franz Höchtl;  
Edições Universitárias Lusófonas; 2007

Livro que se constitui como um contributo para a construção da "história europeia" da mudança das relações entre a natureza e sociedade, num tributo à diversidade, no passado e presente, das paisagens e estilos de vida por todo o continente. Desde a revisitação aos ilhéus esquecidos do Egeu e a Antiguidade de Creta e do Peloponeso, à descoberta das paisagens efémeras das franjas periurbanas da Suécia contemporânea; desde a avaliação dos efeitos ambientais e socio-económicos na transição da agricultura letã e as políticas de protecção da natureza na Polónia, até à reinterpretção do desaparecimento das dehesas espanholas e abordagem literária das paisagens e estilos de vida no Portugal rural; do questionar as aspirações de identidade da Aquitânia francesa e da Istria eslovena, até aos estudos sobre a atractividade das regiões despovoadas para os reformados alemães. Depois de uma introdução, onde é salientada a duplicidade da unidade construída na diversidade europeia, o livro divide-se em oito partes: The mediterranean and beyond, Greek ancient futures, Romans, arabs and new europeans, Claimed and rescued identities, Back to nature and agriculture, Recollecting lifestyles, recomposing landscapes, Contemporary perceptions and practices, e Towards new paradigms, ao longo das quais estas temáticas são abordadas, através de um conjunto de textos de diferentes origens e alicerçados em diferentes experiências e pontos de vista.

**www.ippar.pt**



Site do IPPAR - Instituto Português do Património Arquitectónico, organismo que "tem como missão a salvaguarda e a valorização de bens materiais imóveis que, pelo seu valor histórico, artístico, científico, social e técnico, integrem o património arquitectónico do País", e cuja actuação se insere em duas áreas principais: recuperação e valorização do património, e salvaguarda do património edificado e dos seus contextos. Está dividido em sete áreas principais. Na apresentação temos o Organograma, Lei orgânica, Áreas de actuação, e Legislação. Informação completada em Serviços do IPPAR, no qual se encontram listas de Direcções Regionais, Serviços Dependentes, e Serviços Centrais. Património é uma secção fundamental, permitindo realizar uma Pesquisa de Património ou uma Pesquisa Georreferenciada. É possível conhecer seis Itinerários e Inventários Temáticos, bem como os 13 bens naturais ou culturais portugueses classificados como Património Mundial. Em Actividades encontramos as acções de Recuperação e Valorização do Património, e Concursos, bem como critérios de Classificação do Património. Na secção Loja/Publicações encontra os artigos para venda bem como publicações do IPPAR. A Agenda Cultural permite pesquisar concertos, festivais, exposições, visitas guiadas, e actividades pedagógicas. Na página de abertura está ainda destacado o projecto de Inventariação e Digitalização do Património Histórico-Cultural.

Apresentação do Plano de Desenvolvimento Sustentado Aldeias de Xisto, cujo projecto consistiu na requalificação de 23 núcleos populacionais. O projecto, que permitiu adquirir potencial humano, incidiu na componente patrimonial e na vertente de atracção turística. A recuperação de tradições, valorização do património arquitectónico construído, dinamização de artes e ofícios tradicionais, e defesa da paisagem em que se enquadram, foram os principais objectivos do projecto, sem perder de vista o objectivo primeiro que é a melhoria da qualidade de vida das populações das aldeias. A partir da página inicial, que está organizada com uma introdução e Calendário de Actividades, o site apresenta cinco tópicos principais: As aldeias, O projecto, A revista, As lojas e Os contactos. O primeiro permite conhecer a localização das 23 aldeias e aceder a um pequeno texto de apresentação de cada uma. No projecto, temos acesso a um texto de apresentação, enquanto a Revista apresenta a publicação e disponibiliza artigos da revista em pdf. Em As lojas encontramos contactos das duas lojas do projecto (Barroca do Zêzere e Lisboa), bem como o endereço do dinamizador do projecto: Pinus Verde - Associação de Desenvolvimento em Contacto.

**www.aldeiasdoxisto.pt**



Apresentação do Plano de Desenvolvimento Sustentado Aldeias de Xisto, cujo projecto consistiu na requalificação de 23 núcleos populacionais. O projecto, que permitiu adquirir potencial humano, incidiu na componente patrimonial e na vertente de atracção turística. A recuperação de tradições, valorização do património arquitectónico construído, dinamização de artes e ofícios tradicionais, e defesa da paisagem em que se enquadram, foram os principais objectivos do projecto, sem perder de vista o objectivo primeiro que é a melhoria da qualidade de vida das populações das aldeias. A partir da página inicial, que está organizada com uma introdução e Calendário de Actividades, o site apresenta cinco tópicos principais: As aldeias, O projecto, A revista, As lojas e Os contactos. O primeiro permite conhecer a localização das 23 aldeias e aceder a um pequeno texto de apresentação de cada uma. No projecto, temos acesso a um texto de apresentação, enquanto a Revista apresenta a publicação e disponibiliza artigos da revista em pdf. Em As lojas encontramos contactos das duas lojas do projecto (Barroca do Zêzere e Lisboa), bem como o endereço do dinamizador do projecto: Pinus Verde - Associação de Desenvolvimento em Contacto.

socialis e associados, enquanto em Território pode conhecer mais sobre o Alto Cávado, com dados demográficos da região, e património construído, etnológico e natural, além de outra informação adicional sobre os quatro concelhos. No item Apoio é possível conhecer os programas e medidas que têm contribuído para a intervenção da ATAHCA: LEADER+, Agris, EQUAL, AGRO, POEFDS e CRVCC, informação que é complementada pela secção projectos: formação, turismo, artesanato, património, valorização de produtos agrícolas e ambiente. GPS disponibiliza possibilidades de itinerários de visita à região, com uma atenção particular às aldeias da saudade (Brufe, Cutelo, Ramalha, Santa Isabel), e listagens de locais onde dormir, o que visitar, onde comer, onde comprar, e actividades de animação. A agenda anuncia as próximas actividades da ATAHCA enquanto as novidades disponibilizam informação acerca de programas e leituras. Links, ficha técnica e contactos fecham um site completo, com muita informação acerca da associação e território.

**www.atahca.pt**



Site da Atahca - Associação de Desenvolvimento das Terras Altas do Homem, Cávado e Ave, que permite aceder a informação detalhada sobre a associação e se divide em dez secções. Em ATAHCA está disponível um histórico da associação, completado por actividades, órgãos

socialis e associados, enquanto em Território pode conhecer mais sobre o Alto Cávado, com dados demográficos da região, e património construído, etnológico e natural, além de outra informação adicional sobre os quatro concelhos. No item Apoio é possível conhecer os programas e medidas que têm contribuído para a intervenção da ATAHCA: LEADER+, Agris, EQUAL, AGRO, POEFDS e CRVCC, informação que é complementada pela secção projectos: formação, turismo, artesanato, património, valorização de produtos agrícolas e ambiente. GPS disponibiliza possibilidades de itinerários de visita à região, com uma atenção particular às aldeias da saudade (Brufe, Cutelo, Ramalha, Santa Isabel), e listagens de locais onde dormir, o que visitar, onde comer, onde comprar, e actividades de animação. A agenda anuncia as próximas actividades da ATAHCA enquanto as novidades disponibilizam informação acerca de programas e leituras. Links, ficha técnica e contactos fecham um site completo, com muita informação acerca da associação e território.

# Quinta dos Moinhos Novos

**Do queijo da avó ensaiado em Paços de Ferreira às actuais 14 referências da Quinta dos Moinhos Novos vai uma história de 17 anos de empreendedorismo, investigação e inovação. Um exemplo de sucesso e durabilidade de um projecto desenvolvido com o apoio LEADER.**



João Limão

Manuel Barroso ainda hoje recorda com saudade os queijos que a avó fazia em Montalegre, Trás-os-Montes. Queijos puros de cabra, feitos para autoconsumo, em que se destacava o famoso “Queijo dos Fidalgos”, produto mais requintado e exclusivamente destinado às personalidades da terra.

Mais tarde, em Vila Real, durante o curso de Zootecnia da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), conhece Paulo Martins e ambos começam a imaginar a possibilidade de um negócio na área da queijaria.

Decididos a avançar o projecto e reunidas as condições essenciais, os dois sócios rumaram a Póvoa de Lanhoso. Destino inesperado para dois transmontanos, mas que Manuel Barroso justifica pelas condições propícias à caprinicultura. “Toda esta zona de meia encosta é espectacular para a produção de leite de cabra”, devido aos inúmeros recursos alimentares disponíveis. Decidido o local, a aquisição da Quinta dos Moinhos Novos constituiu o passo essencial para o arranque do projecto.

Estávamos em 1991. Manuel Barroso tinha alguma experiência de trabalho com programas de iniciativa comunitária e, nessa altura, “dominava muito bem todos estes instrumentos de apoio”. Por isso, não hesitou. “Ao nível da indústria, o que se adequava melhor como complemento era o LEADER”, que se destinou a construir a queijaria.

Estavam lançadas as bases da Quinta dos Moinhos Novos, Lda (QMN), uma empresa especializada na produção de queijos artesanais de cabra e mistura (leites de cabra com vaca ou ovelha) que tem vindo a crescer, e que hoje contempla a produção de 18 referências de queijos.

Mas nem sempre o negócio decorreu de forma tão positiva. Os primeiros tempos foram complicados. Conduzido pela crença que tinha no “Queijo dos Fidalgos”, Manuel Barroso avançou para a produção do queijo puro de cabra, de acordo com os padrões trazidos de Trás-os-Montes. “Eu sabia que o queijo era bom e pensava que quando o fizesse toda a gente o ia comer. Enganei-me redondamente”,

relembra. “Ninguém comprava”. Face ao insucesso, começaram a realizar experiências, retirando sabor ao queijo, e, “a certa altura, começou a vender.” Segundo Manuel Barroso, as pessoas das regiões de Braga e Porto não estavam habituadas a queijos aromáticos fortes, e “ninguém gostava do queijo.” A percepção deste fenómeno só aconteceu quando o negócio se alargou a outras regiões nacionais. Antes, “nunca me passou pela cabeça vender queijo na Guarda”, mas os resultados foram animadores. Daí que “começámos outra vez a retomar sabores”.

Encontrada a chave do sucesso, a expansão foi imediata. A aposta da QMN Lacticínios foi no sentido de investir na investigação, que é fundamental na actuação da empresa, e deriva no conjunto de técnicas utilizadas no fabrico dos seus queijos.

## Diversificação de produtos

Resultado da inovação e experimentação, a QMN Lacticínios avançou para uma ampla diversificação de produtos, muitas vezes aliados à inovação. Destacam-se alguns produtos como o queijo “Maria da Fonte”. Um queijo de vaca de comer à colher, desenvolvido para uma cadeia de supermercados. “Este queijo, a dois graus, se lhe fizer um corte, verte”, explica Manuel Barroso. Um resultado que se explica “com o processo enzimático e não com excesso de soro”.

O alargamento da empresa foi também sedimentado através de um negócio com a queijaria San Simón (Espanha), que foi parcialmente adquirida pela QMN. “Vimos ali uma oportunidade grande, que nos dava todas as garantias”. Esta aquisição parcial permitiu expandir o volume de produção, reduzindo, parcialmente, o papel da queijaria de Póvoa de Lanhoso.

Em simultâneo, o aumento do volume de negócios teve repercussões na estrutura da empresa, que sentiu a necessidade de alargamento e divisão de actividades. A Quinta dos Moinhos Novos dividiu-se em duas empresas distintas:

QMN Lacticínios e QMN Entrepasto, direccionadas para as actividades de produção e comercialização, respectivamente.

A QMN Entrepasto veio responder a limitações que a empresa apresentava nesta área. “Quem sabe produzir não sabe vender. São vocações independentes.” A nova empresa permite uma margem de actuação mais abrangente. Por exemplo, garante que “temos repositores em todos os hipermercados”, e trabalha em coordenação com uma empresa de distribuição frigorífica que assegura a distribuição a todo o país.

A concepção e melhoramento da marca é outra área em que a QMN Entrepasto procura actuar. Manuel Barroso acredita que a QMN tem “uma imagem visual muito forte” [rótulos em kraft com a figura de uma cabra], mas “Quinta dos Moinhos Novos é um nome extremamente comprido como marca”. Resulta do nome de origem da quinta adquirida, numa altura em que “entendíamos muito pouco destas questões da marca”. Com o sentido de ultrapassar esta lacuna, “lançámos a marca JÓ”. Um nome curto e de compreensão imediata.

Para o futuro, a QMN tem no horizonte a construção de uma nova fábrica em Vila Verde, para a qual se pretende deslocar a maior parte da produção, e que permitirá um crescimento e o alargamento no mercado espanhol. Sem que a exportação seja uma aposta imediata, porque para já o que se pretende é “arranjarmos consistência no mercado nacional e fazermos uma coisa de cada vez”.

Exemplo de uma empresa de sucesso, a QMN é resultado de um trabalho de 17 anos, demonstrativo da aplicabilidade, sucesso e duração de alguns projectos LEADER.

João Limão

Quinta dos Moinhos Novos  
Tel.: 253635025 / 253632910  
E-mail: entreposto@qmn.pt  
Fax: 253635025  
http://www.qmn.pt

## Ficha Técnica

### Pessoas e Lugares

Jornal de Animação da Rede Portuguesa LEADER+

II Série | N.º 45 - 2007

### Propriedade

INDE - Intercooperação e Desenvolvimento, CRL

### Redacção

INDE

Av. Frei Miguel Contreiras, 54 - 3º

1700-213 Lisboa

Tel.: 21 843 58 70

Fax: 21 843 58 71

E-mail: pl@inde.pt

Mensário

### Directora

Cristina Cavaco

### Conselho Editorial

Cristina Cavaco/INDE, Gestor do Programa LEADER+, Francisco Botelho/INDE, Luís Chaves/Minha Terra, Maria do Rosário Serafim/DGADR, Rui Veríssimo Batista/DGADR

### Redacção

Francisco Botelho, João Limão, Maria do Rosário Aranha, Paula Matos dos Santos

### Colaboraram neste número

Adices, Apolónia Rodrigues (R.T. Évora), Atahca, Catarina Camarinhas (FA-UTL), Celeste Valente (Rude), Loja Portugal Rural, Margarida Moreira (FA-UTL), Marta Alter (Monte), Rui Batista (DGADR), Rui Jacinto (CCDR), Rui Serrano, Tagus

### Paginação

Diogo Lencastre (INDE), Marta Gafanha (INDE)

### Impressão

Diário do Minho  
Rua de Santa Margarida, n.º 4  
4710-306 Braga

Impresso em Setembro de 2007

### Distribuição

DGADR - Direcção-Geral de Agricultura e Desenvolvimento Rural  
Rede Portuguesa LEADER+  
Tapada da Ajuda - Edifício I  
1349-018 Lisboa  
Telf.: 21 361 32 57  
Fax: 21 361 32 77

### Tiragem

6.000 exemplares

### Depósito Legal

n.º 142 507/99

### Registo ICS

n.º 123 607

Os artigos assinados exprimem a opinião dos seus autores e não necessariamente a do proprietário e Conselho Editorial deste jornal.



Ministério da  
Agricultura,  
do Desenvolvimento  
Rural e das Pescas



Comissão Europeia  
Programa LEADER+